



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA**

**EUGENIA BLANCO LÚGARO**

**MIDIATIZANDO E MEMETIZANDO O FEMINISMO NO MEME “BELA,  
RECATADA E DO LAR”**

**NATAL/RN  
2020**

**EUGENIA BLANCO LÚGARO**

**MIDIATIZANDO E MEMETIZANDO O FEMINISMO NO MEME “BELA,  
RECATADA E DO LAR”**

Dissertação de mestrado submetida à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/UFRN), como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Estudos da Mídia.

Linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria das Graças Galvão Pinto Coelho

Co-orientador: Prof. Dr. Marcelo Bolshaw Gomes

NATAL/RN  
2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências  
Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Lúgaro, Eugenia Blanco.

Mediatizando e memetizando o feminismo no meme "bela, recatada e do lar" /  
Eugenia Blanco Lúgaro. - Natal, 2020.  
83f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do  
Rio Grande do Norte, 2020.

Orientador: Profa. Dra. Maria das Graças Galvão Pinto Coelho.

Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Bolshaw Gomes.

1. Meme - Dissertação. 2. Feminismo - Dissertação. 3. Mediatização -  
Dissertação. 4. Corpo - Dissertação. 5. Mulher - Dissertação. I. Coelho, Maria  
das Graças Galvão Pinto. II. Gomes, Marcelo Bolshaw. III. Título.

RN/UF/BS CCHLA

CDU 316.77

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/710

EUGENIA BLANCO LÚGARO

**MIDIATIZANDO E MEMETIZANDO O FEMINISMO NO MEME “BELA,  
RECATADA E DO LAR”**

Dissertação de mestrado submetida à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/UFRN), como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Estudos da Mídia.

Linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria das Graças Galvão Pinto Coelho

Co-orientador: Prof. Dr. Marcelo Bolshaw Gomes

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria das Graças Galvão Pinto Coelho  
Orientadora

---

Prof. Dr. Marcelo Bolshaw Gomes  
Co-orientador

---

Denise Carvalho dos Santos Rodrigues  
Examinador Interno

---

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes  
Examinador Externo

NATAL/RN  
2020

*“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre”*

*Simone de Beauvoir*

## **AGRADECIMENTOS**

É difícil expressar em palavras a gratidão, sentimento tão íntegro, nobre e profundo. Mas aqui, tento trazer um pouco dela através da minha homenagem àqueles que estiveram comigo durante este percurso árduo que é conciliar vida acadêmica e mercado de trabalho.

Primeiramente, aos meus pais. Eles que foram meus maiores incentivadores e fontes de inspiração para estar em busca constante por conhecimento e independência. Depois, ao meu namorado, Galbê, que ouviu pacientemente todas as minhas angústias, inseguranças e sempre esteve ao meu lado com palavras de conforto e incentivo que me fizeram continuar de cabeça erguida e me deram confiança para mostrar que sim, eu sou capaz. Por fim, aos meus amigos e outros familiares que sempre acreditaram em mim e, até sem perceber, me deram a dose extra de combustível que me fez chegar até este momento e escrever estas palavras.

Um trecho breve e modesto, porque gratidão não se explica, se sente. E o meu coração está cheio dela!

## RESUMO

O meme “Bela, Recatada e do Lar” nasceu após uma reportagem da Revista Veja, no dia 18 de abril de 2016. Nela, falava-se da então primeira dama Marcela Temer, trazendo a tríade de adjetivos “bela, recatada e do lar” como sendo elogios e atributos louváveis de uma mulher. Em poucos dias a reportagem se transformou em um meme feminista, como uma ferramenta midiática contra-hegemônica para contrapor-se aos elementos de feminilidade expostos. Desta forma, neste trabalho buscamos entender e analisar as construções simbólicas que geraram o meme e sua disseminação. Para isso, a partir de uma análise hermenêutica e um estudo de caso, fundamentado na literatura gênero e midiatização, analisam-se os memes concentrados no Tumblr [www.belarecatadaedolar.tumblr.com](http://www.belarecatadaedolar.tumblr.com). Para o critério de escolha dos memes, usou-se a aleatoriedade, considerando a criação espontânea dessa narrativa virtual, já que todos os memes criados e os corpos expostos e apresentados foram de imagens enviadas voluntariamente por mulheres que buscaram desmistificar a imagem da mulher ideal como sendo àquela da tríade de adjetivos colocados pela Revista. Na análise, foi possível identificar que, com avanços tecnológicos e o feminismo em rede, surgem ferramentas feitas de sujeitos para sujeitos, que criam novas perspectivas com abertura para debates e discussões sobre o movimento. Cria-se uma nova lógica do pensar e agir feminista, nas quais os memes imagéticos fazem parte como ferramenta de disseminação mais rápida e em grande escala pelo seu alto grau de replicabilidade, tendo como principal modelo a representação de um corpo-bandeira (GOMES; SORJ, 2014) emancipatório e plural. Com esse corpo subversivo e de protesto, dentro do meme, ele procura abordar questões do movimento feminista, como: o direito ao corpo, a relação da mulher no espaço público/privado, padrões estéticos e comportamentais, entre outros.

**Palavras-chave:** Meme. Feminismo. Midiatização. Corpo. Mulher.

## ABSTRACT

The meme “Bela, Recatada e do Lar” was born after a report of *Veja Magazine* on April 18, 2016. It was about the first lady at that time, Marcela Temer, bringing the triad of adjectives “beautiful, modest and housewife” as compliments and admirable attributes of a woman. In few days, the report became a feminist meme as a counter-hegemonic media tool to counteract the elements of femininity exposed. Therefore, we seek to understand and analyze the symbolic constructions that the meme generated and their diffusion. For this, from an hermeneutic analysis and a case study, based on the literature on gender and mediatization, memes concentrated on Tumblr [www.belarecatadaedolar.tumblr.com](http://www.belarecatadaedolar.tumblr.com) are analyzed. For choosing the memes, we used randomness as criterion, considering the spontaneous creation of this virtual narrative, since all the memes created and the bodies exposed and presented were images voluntarily sent by women who sought to demystify the image of the ideal woman as being that of the triad of adjectives used by the magazine. In the analysis, it was possible to identify that, with technological advances and network feminism, emerge tools made from subjects to subjects, which create new perspectives with openness to debates and discussions about the movement. It appears a new logic of feminist thinking and acting, in which imagery memes are included as the fastest and large-scale dissemination tool due to their high degree of replicability, having as its main model the representation of a flag body (GOMES; SORJ, 2014) emancipatory and plural. With this subversive and protest body, within the meme, he seeks to address issues of the feminist movement, such as: the right to the body, the relationship of women in the public/private space, aesthetic and behavioral patterns, among others.

**Keywords:** Meme. Feminism. Mediatization. Body. Woman.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – As sufragistas .....	32
Figura 2 – Masculino X Feminino, Público X Privado .....	34
Figura 3 – O pessoal é político .....	36
Figura 4 – Feminismo plural .....	39
Figura 5 – Cyberfeminist Manifest for the 21st Century.....	43
Figura 6 – Meu Corpo, Minhas Regras .....	49
Figura 7 – O uso do corpo no meme Bela, Recatada e do Lar .....	51
Figura 8 –Ponto de interseção entre memes políticos .....	57
Figura 9 – Características dos memes políticos.....	58
Figura 10 – Nem bela, nem do lar .....	63
Figura 11 –Você disse recatada? .....	64
Figura 12 –Bela sim, por que não? .....	64
Figura 13 – Bela, exilada e futura presidente .....	65
Figura 14 – Bela, política e presidente .....	66
Figura 15 – Bela, Empoderada e do Lar.....	72
Figura 16 – Bela, Combativa e do Lar.....	72

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Analisando os memes .....	67
--------------------------------------	----

## **LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS**

ONG	Organização Não Governamental
EUA	Estados Unidos da América
ONU	Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 ARTICULAÇÕES TEÓRICAS .....</b>	<b>20</b>
2.1 A MUDIATIZAÇÃO E SEUS REFLEXOS NA SOCIEDADE .....	20
2.2 O PAPEL DA INTERNET NA MUDIATIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS ..	23
<b>3 CONTEXTUALIZANDO O MOVIMENTO FEMINISTA.....</b>	<b>29</b>
3.1 BREVE REFLEXÃO DAS RAÍZES DA OPRESSÃO FEMININA: DA RELIGIÃO À MEDICINA.....	29
3.2 A PRIMEIRA ONDA FEMINISTA.....	31
3.3 A SEGUNDA ONDA FEMINISTA.....	33
3.4 A TERCEIRA ONDA FEMINISMO .....	38
<b>3.4.1 A vertente do feminismo interseccional .....</b>	<b>40</b>
3.5 A QUARTA ONDA FEMINISTA E O FEMINISMO EM REDE.....	41
<b>3.5.1 O corpo como ferramenta política.....</b>	<b>47</b>
<b>4 O “MEME BELA, RECATADA E DO LAR” E A MUDIATIZAÇÃO DO FEMINISMO .....</b>	<b>53</b>
4.1 OS MEMES DA INTERNET COMO NOVA FERRAMENTA COMUNICACIONAL.....	53
4.2 DE ARTEFATOS DO RISÍVEL PARA ARTEFATOS POLÍTICOS.....	56
4.3 O MEME BELA, RECATADA E DO LAR .....	60
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na primeira metade do século XX, a mídia era vista como algo apartado da sociedade; com o avanço das tecnologias e o surgimento de novos aparatos tecnológicos, ela foi se inserindo e se capilarizando no cotidiano dos indivíduos e transformando-se em parte da vida como um todo: política, família, trabalho, escola, entre outros setores sofreram e sofrem interferência da mídia. Atualmente, essas instituições não podem mais ser pensadas e analisadas sem falar, estudar e abordar os impactos que a mídia tem nelas. Entre esses avanços e aparatos tecnológicos que mudaram a lógica da mídia na sociedade estão a internet e as redes sociais da internet, as quais implementaram dinâmicas comunicacionais que mudaram o padrão de contato social e a relação entre os indivíduos.

Este projeto insere-se nos estudos dessas alterações cotidianas causadas pela mídia: os estudos de mediação da sociedade como sendo aqueles que analisam as alterações dessas dinâmicas de produção e disseminação de discursos através das tecnologias que vão surgindo – neste caso, das redes sociais da internet.

Nesse sentido, abordaremos a mediação da perspectiva, na qual a mídia passa a ser não só um meio de comunicação, mas sim a própria comunicação, através de novos formatos de interação entre indivíduos e instituições. Trazemos essa teoria como sendo norteadora das mediações comunicadoras da sociedade, considerando a autonomia do sujeito. Fausto Neto (2008, p. 90) disserta que "a vida e dinâmicas dos diferentes campos são atravessadas, ou mediadas, pela tarefa organizadora tecno-simbólica de novas interações realizadas pelo campo das mídias". Já Verón (2014, p. 15) afirma que, "neste contexto, a mediação é apenas o nome para a longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas consequências".

Através do conceito de mediação, estamos nos propondo neste trabalho a realizar uma reflexão teórica aliada a uma pesquisa empírica, abordando os efeitos, consequências e impactos da mediação nas interações comunicacionais do movimento feminista na internet. Para isso, busca-se compreender como os memes da internet – fenômeno que nasceu exclusivamente nas redes sociais *on-line* e que aparece dentro de diferentes campos sociais – são utilizados como ferramenta estratégica na luta feminista virtual, utilizando para a análise de expressão simbólica e imagética dos memes derivados da tríade “Bela, Recatada e do Lar” dentro do Tumblr “Bela, Recatada e do Lar”<sup>1</sup>. Esse meme é originário de uma reportagem da

---

<sup>1</sup> TUMBLR. “Bela, Recatada e do Lar”. **Tumblr**. Disponível em: <[www.belarecatadaedolar.tumblr.com](http://www.belarecatadaedolar.tumblr.com)>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Revista Veja, na qual Marcela Temer, a então primeira dama, foi classificada com esses adjetivos, que foram colocados como elogios a uma "mulher perfeita", o que gerou críticas de mulheres Brasil afora.

Os memes, conforme a conceituação realizada por Dawkins (1976), são utilizados para descrever gestos, costumes, hábitos e modas, entre outras características culturais que se disseminam e perpassam de geração em geração. Apesar da terminologia não ser nova, ela migrou para a internet, buscando denominar epistemologicamente conteúdos que têm características como fidelidade à cópia e alto grau de replicabilidade, mantendo uma estrutura inicial e facilidade de propagação. Além disso, em sua maioria têm caráter visual informal e grotesco, são feitos de forma coloquial por indivíduos e possuem viés cômico. Inocêncio (2015) coloca os memes da internet como uma evolução tecnológica dos bordões, brincadeiras e piadas que sempre fizeram parte do cotidiano das pessoas, com visibilidade maximizada e escopos diferentes.

Shifman (2013) afirma que os memes são espalhados de acordo com a identificação dos indivíduos que geram essa ação – ou seja, para que um meme seja replicado, precisa ser considerada a bagagem cultural do indivíduo em todas as suas nuances: crenças políticas, sociais, entre outras. A partir da identificação da mensagem do meme, ele será compartilhado de indivíduo a indivíduo até gerar uma grande replicabilidade, com alto grau de espalhamento, tornando-se assim um meme e disseminando uma mensagem de caráter diverso, podendo ser frívolo, social, cultural ou mesmo político.

Por entender que esses artefatos informais, utilizados inicialmente apenas para fins de humor e entretenimento, acabaram tornando-se aparatos políticos, destacam-se os memes de ação popular (SHIFMAN, 2013), que são aqueles caracterizados por demonstrarem engajamento ao próximo através de uma construção coletiva de sentido em prol de uma ação comum, os quais entendemos que se encaixam em estudos problematizantes e cabe estudá-los a fundo, dentro da teoria da midiatização, por compreendermos que fazem parte de tal fenômeno através da midiatização do ativismo feminista no novo formato dos movimentos sociais em rede.

Esse processo de midiatização do feminismo, trazendo o feminismo em rede, ou ciberfeminismo, que tem como principal ferramenta da luta a internet – características da quarta onda do movimento –, é uma tentativa de manter em pauta, disseminar a causa e garantir reconhecimento das questões levantadas pelo movimento. Grupos de mulheres encontram na internet uma forma de atingir cada vez mais indivíduos em prol da causa por não precisarem de instituições organizadas para se comunicar. O caráter lúdico dos memes, muitas vezes tendo o

humor e sátira como ferramenta principal, levantam a discussão de forma leve e divertida, atingindo mais pessoas devido ao seu alto poder de replicabilidade.

Destarte, para entender tais memes, bem como analisar o movimento feminista e as lutas ativistas identitárias das mulheres na internet através da Quarta Onda Feminista, fez-se necessário aprofundar-se nos estudos da área. Desse modo, priorizamos autoras mulheres (WOLF, 1992; HOLANDA, 2018) por compreender que habitam tal lugar de fala.

A midiaticização é cada vez mais utilizada como conceito fundamental para entender as mudanças comunicacionais que vem acontecendo ao longo dos anos, bem como para descrever a expansão de diferentes meios técnicos, sua relação com eles e as mudanças socioculturais. Por isso, consideramos esta teoria para estudar os memes e compreender sua relevância na luta da Quarta Onda Feminista dentro do âmbito digital.

Além disso, o feminismo é um movimento crescente nos dias atuais, sendo muito buscado, discutido e defendido. Segundo a IstoÉ<sup>2</sup>, as buscas pela palavra “feminismo” no Google aumentaram 200% desde 2016, número que demonstra a popularidade e o interesse pelo movimento. Através do presente estudo, buscamos entender a relevância de tal luta identitária de gênero nas redes sociais e como ela se adapta aos novos meios e ferramentas de humor para validar-se, fazer-se presente e disseminar-se dentro da internet.

Essa transformação do meme – inicialmente objeto comunicativo cômico usado para entreter – para uma ferramenta de ativismo digital e de luta política e ideológica tem transformado a forma de comunicar e facilitado o acesso a pautas sociais e políticas como o feminismo. Entender a visão da mulher através do meme “Bela, Recatada e do Lar”, o significado dessa luta por trás do movimento risível e a paródia utilizada para questionar a postura da Revista Veja são fatores essenciais para compreender a luta de gênero que cresce constantemente na internet e para entender e analisar a influência dos memes nessa nova dinâmica de ativismo dentro da sociedade midiaticizada.

A pesquisa tem como *corpus* os memes criados pela *hashtag* #BelaRecatadaEDoLar, e a análise será feita utilizando memes do Tumblr “Bela, Recatada e do Lar”. Optou-se por escolher apenas os memes de tal site uma vez que ele compila imagens enviadas voluntariamente por usuárias comuns de origens e características diferentes, que não se identificavam com a imagem feminina da Revista Veja e performaram subvertendo tal visão, possibilitando focar na imagem de mulher “comum” e sua diversidade.

---

<sup>2</sup> BRANDALISE, Camila; CAVICCHIOLI, Giorgia. “Revolução feminista”. **IstoÉ**. Publicado em: 23 fev. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3k1Vxdo>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Como critério para a escolha dos memes, foram selecionados aqueles de tipo imagético e que tenham atribuído diferentes aspectos da tríade de adjetivos “Bela, Recatada e do Lar”, sendo escolhidos de forma aleatória, analisando as imagens que compõem o meme. Justifica-se o uso desta metodologia por entendê-la como um método qualitativo de análise, objetivando validar os resultados através de uma análise que observa sentidos e práticas atribuídos a uma situação social – neste caso, o meme.

Para realizar a análise dos dados, optamos pela hermenêutica. Essa metodologia nasceu com o objetivo de interpretar textos e foi usada primeiramente pelos estudos escolásticos, pela jurisprudência e pela filologia; porém, com as mudanças sociais e tecnológicas, surgiram novas formas de comunicação e interpretação, fazendo com que a hermenêutica passasse a criar novos contornos, desenvolvendo novas vertentes. Apesar da sua essência basear-se em análises linguísticas, esse método é usado também para análises imagéticas.

Aqui optamos pela hermenêutica de Ricoeur (2000), conhecida também como Teoria da Interpretação, aplicada de modo a entender a sociedade midiática. Esse estudioso usa essa metodologia para interpretar o viés histórico e linguístico, levando em consideração fenômenos de comunicação essenciais para examinar os objetos investigados. A análise hermenêutica tem como guia as seguintes etapas *ricoeurianas*:

da primeira vez, a compreensão será uma captação ingênua do sentido do texto enquanto todo. Da segunda, será um modo sofisticado de compreensão apoiada em procedimentos explicativos. No princípio, a compreensão é uma conjectura. No fim, satisfaz o conceito de apropriação (...) como a resposta a uma espécie de distanciamento associada à plena objetivação do texto. A explicação surgirá, pois, como a mediação entre dois estágios da compreensão. Se se isolar deste processo concreto, é apenas uma simples abstração, um artefato da metodologia. (RICOEUR, 2000, p. 86)

Na hermenêutica de Ricoeur (2000), é preciso seguir o passo de via longa da compreensão, na qual analisam-se primeiramente os signos que compõem a cultura em que o objeto analisado se encontra; assim, a reflexão parte do intermédio entre dois estágios de compreensão. Desta forma, buscamos seguir a teoria da interpretação dos discursos e da lógica entre *Explicar*, quando buscamos descrever os fatos ou objetos externos que nas hipóteses se submetem ao longo do trabalho a uma validação empírica; e *Compreender*, momento em que buscaremos o entendimento semântico e analítico do que as imagens carregam de significados. A relação entre ambos considera a objetividade científica e também a relação sócio-histórica-cultural do objeto com o ambiente.

Conforme o exposto, usamos da análise hermenêutica de imagens como uma ferramenta que permite a compreensão e interpretação do sentido e a causa do fenômeno aqui analisado.



Nesse processo, iremos considerar primeiramente as imagens, explicando seu contexto, e logo após compreendendo os significados implícitos e explícitos nelas, validando ou não as hipóteses.

Além disso, iremos utilizar como procedimento metodológico o Estudo de Caso, de modo a entender um fenômeno comunicacional complexo: como unidade individual, o meme Bela, Recatada e do Lar utilizado no Tumblr “Bela, Recatada e do Lar” poderá validar ou não características da teoria da midiatização como modificadoras na forma de se fazer feminismo e de usar o corpo para tal luta na internet. Sobre o Estudo de Caso, Yin (2005, p. 32) diz que “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real”, adequado quando “as circunstâncias são complexas e podem mudar, quando as condições que dizem respeito não foram encontradas antes, quando as situações são altamente politizadas e onde existem muitos interessados”. Martins (2008, p. 11) ainda afirma que, “mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração em uma realidade social, não conseguida plenamente por um levantamento amostral e avaliação exclusivamente quantitativa”. Nesse sentido, através do estudo de caso busca-se reunir informações detalhadas sobre um fenômeno e, por isso, considera-se que esse método é o que melhor se encaixa no presente estudo.

Faz-se necessária também a pesquisa bibliográfica, método utilizado para entender teorias que possam fundamentar este trabalho e, assim, validá-lo. A pesquisa bibliográfica é o ponto de partida para qualquer investigação científica; isso se dá pois é necessário recolher informações e adquirir conhecimentos prévios que ofereçam um embasamento teórico para realizar a estruturação de defesa dos argumentos que serão apresentados. Dito isto, enfatizamos que, no caso deste trabalho, é também a primeira fase elaborada. Essa técnica consiste na:

identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento dos pensamentos dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. (STUMPF, 2006, p. 51)

Para efetuar a análise dos memes selecionados, em conjunto com a pesquisa bibliográfica, este trabalho assume um caráter descritivo, pois irá identificar, observar e estudar características de fenômenos estudados previamente – a midiatização, os memes e o feminismo – e irá relacionar a análise deles para identificar uma hipótese e seus efeitos. É também explicativa, pois pretende registrar, analisar e identificar causas e consequências do objeto empírico, realizando a síntese entre teoria e reflexão a partir dele. Conforme exposto por

Lakatos e Marconi (2003, p. 93), “a investigação deve examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciaram e analisando-o em todos os seus aspectos”.

Assim, foram seguidos os seguintes passos: primeiramente, foi feita a observação dos memes submetidos ao Tumblr “Bela, Recatada e do Lar”, considerando a linha do tempo, na qual os memes enviados por último estão no topo da página e os enviados primeiro estão mais abaixo, buscando ver semelhanças, diferenças e atributos utilizados em comum por eles.

Após essa primeira etapa, buscou-se identificar recursos utilizados com o corpo nas imagens, analisando atitudes e colocações imagéticas comuns às fotos que transmitem simbolicamente a mensagem de subversão à mensagem original colocada com a tríade de adjetivos “bela, recatada e do lar” para entender como o corpo serviu de ferramenta de protesto nesse meme. Analisamos especificamente as imagens e qual dos três adjetivos ela buscou subverter dentro delas, desconsiderando assim quaisquer legendas ou textos de apoio, fora o uso da tríade “bela, recatada e do lar” (e suas variáveis) na imagem.

Como proposta, buscamos caracterizar e entender como ocorre a apropriação dos memes como instrumento comunicacional para a construção de discursos de ativismo pela luta de gênero dentro da sociedade midiaticizada e como o corpo surge em um novo formato digital e semipúblico, sendo utilizado como ferramenta de luta, entendendo dessa forma que dentro das alterações do conceito de midiaticização e suas lógicas está o surgimento da Quarta Onda Feminista, dos memes, de um novo corpo político e da ligação entre eles.

Este trabalho objetiva entender o meme “Bela, Recatada e do Lar” sob uma ótica feminista com o uso de um corpo-bandeira, buscando entender como o processo de midiaticização atualizou a lógica do movimento ao ponto de trazer novas ferramentas, como as mensagens meméticas, junto ao uso do corpo político para subverter a ordem da reportagem machista da Revista Veja. Esse meme foi disseminado em diversas redes sociais e, por isso, optamos por afunilar o objeto da pesquisa, escolhendo o Tumblr “Bela, Recatada e do Lar”, restringindo a análise para tal ambiente que recebeu memes com imagens das próprias mulheres que os enviavam, com alguma atitude que ia contra a mensagem original da tríade de adjetivos na reportagem. Assim, podemos analisar os memes e o uso do corpo exposto de forma voluntária.

Como hipóteses principais desta pesquisa, consideramos o contexto de sociedade midiaticizada na qual a mídia torna-se não algo adjacente à sociedade, mas algo pertencente de forma central e protagonista do cotidiano dos indivíduos nas diferentes esferas da vida, tornando-os atores sociais e ativos de discursos midiáticos perpassados por aparatos tecnológicos. Dessa forma, acreditamos que, através de interações sociais digitais e midiáticas, surgem novas lógicas e novas ferramentas comunicacionais feitas de sujeitos para sujeitos,

sejam elas formais ou informais, que criam novas perspectivas de pensamentos, abertura para debates e discussões, bem como maior acesso a novos discursos, entre eles aqueles que envolvem minorias políticas, como as mulheres.

Enxergamos que o processo de midiaticização transformou também a forma em que os movimentos políticos e de minorias acontecem e se expressam, focando, neste trabalho, no movimento feminista, possibilitando maior alcance dos discursos, desinstitucionalizando-os e trazendo o movimento à realidade através de experiências pessoais de mulheres que as transformam em experiências públicas e, principalmente, políticas. Enxergamos isso através do meme de ação popular "Bela, recatada e do lar", o qual traz mulheres ocupando espaços que confrontam o padrão tradicional de instituição e mídia, com uma crítica feita por mulheres para mulheres e que reverberou Brasil afora. Esse meme fez uso do corpo-bandeira, um corpo que expressa a causa através de imagens performáticas em situações que satirizam a visão machista da mulher colocada na reportagem da Revista Veja. Dessa forma, quebra a regra de padrão comunicacional da mídia tradicional sobre temáticas políticas que tem tom sério, engessado com regras a serem seguidas e que não tem espaço para riso ou criatividade.

Esse meme, com seu caráter descontraído e humorístico, ao ser colocado em circulação pelos indivíduos, acaba perpassando o campo dos movimentos sociais e políticos, quebrando uma barreira comunicacional e atingindo novas mulheres que podem não fazer parte ativamente do movimento feminista, mas que se identificam com essa ferramenta comunicacional, compartilhando também suas experiências pessoais e então políticas de subversão do machismo, usando como ferramenta principal o corpo através de imagens performáticas. Por isso, acredita-se no poder do uso do corpo no meme para disseminar e capilarizar a luta feminista na internet.

Este trabalho irá desenvolver-se em cinco capítulos principais: (1) Introdução; (2) Articulações Teóricas; (3) Contextualizando o Movimento Feminista; (4) O meme Bela, Recatada e do Lar e a midiaticização do feminismo; e (5) Considerações Finais. Neste primeiro capítulo são feitas as considerações iniciais, trazendo um breve apanhado da literatura relevante para a pesquisa e análise, realizando um percurso rápido sobre as teorias e principais autores utilizados na pesquisa. Além disso, aponta-se a metodologia aplicada no trabalho, além de objetivos, justificativa e hipóteses que serão levantadas.

No segundo capítulo abordaremos mais a fundo a teoria norteadora deste projeto: a midiaticização. Serão apresentados conceitos, autores e referências que irão auxiliar na construção do arcabouço teórico que norteará este trabalho, abordando o processo de midiaticização, os avanços tecnológicos e as mudanças socioculturais que se deram, além da

mudança nas lógicas de comunicação com o surgimento de novas ferramentas e dinâmicas dentro do ambiente digital, como o surgimento das redes sociais, dos memes da internet e de novas formas de se fazer ativismo.

Já no terceiro capítulo faremos um percurso histórico de modo a fundamentar o movimento feminista desde seus primeiros passos até a atualidade, sendo este o momento a ser estudado. Realizaremos um passeio por toda a história do movimento, dividindo-o em ondas e apresentando as principais características dessa luta de modo a fundamentar nosso pensamento e suas principais características até chegarmos na Quarta Onda, que é aquela na qual esta pesquisa se apoia. Neste capítulo trazemos também algumas ferramentas de luta usadas no movimento feminista em rede, como as redes sociais e o uso da *hashtag*. Além disso, apresentaremos uma reflexão sobre o uso do corpo como ferramenta comunicacional e política.

Logo em seguida, no quarto capítulo, será exposta a análise e estudo do *corpus* desta pesquisa: o meme Bela, Recatada e do Lar, no Tumblr “Bela, Recatada e do Lar”, dentro do contexto de feminismo midiaticado. Para isso, percorremos a teoria da memética, contextualizando epistemologicamente o termo e trazendo teorias e reflexões sobre ele, para então analisá-lo levando em consideração a midiaticação e a luta feminista, fazendo uma análise de algumas imagens trazidas no Tumblr supracitado, localizando as práticas discursivas realizadas pelas mulheres que replicaram tal meme e buscando responder o que fez esse meme transformar-se em uma ferramenta comunicacional de luta identitária feminina dentro da internet.

Por fim, a discussão dos resultados é feita nas Considerações Finais, trazendo um levantamento das hipóteses lançadas no primeiro capítulo, trazendo os principais apontamentos e reflexões alcançadas ao longo da pesquisa e buscando fechar o raciocínio abordado até então com levantamentos e considerações que poderão dar continuidade a uma pesquisa posterior.

## 2 ARTICULAÇÕES TEÓRICAS

### 2.1 A MIDIATIZAÇÃO E SEUS REFLEXOS NA SOCIEDADE

Os avanços tecnológicos possibilitaram inovações na comunicação, além de grandes e aceleradas mudanças na sociedade. Hoje, os meios são mais que apenas transportadores de sentido ou apenas espaços de interação entre produtores de conteúdo e receptores: há uma nova racionalidade produtora e organizadora de sentidos, na qual o tempo real e o espaço virtual se misturam e quebram a relação tradicional entre eles. As novas mídias que surgem fazem parte de um sistema que organiza suas lógicas particulares e operações, constituindo uma realidade própria e modificando não só a comunicação, mas também a lógica social. As relações sociais oriundas das práticas da mídia passam a influenciar diretamente no dia a dia da sociedade e condicionam o agir no cotidiano; ou seja, a mídia passa a ocupar um local de protagonista dentro dos processos de vida das pessoas.

Tradicionalmente, a mídia era enxergada como um meio apartado da cultura e da sociedade, além de abordar o indivíduo como um ser passivo e sempre persuadido. Atualmente, já se trata de meios de persuasão mais brandos, considerando a capacidade do receptor e outros pontos, como a mediação e a midiatização.

O conceito de midiatização ainda é difuso e visto de diferentes formas pelos diversos autores que tratam do tema. Para Hjarvard (2012, p. 53), “a midiatização é um processo de dupla face no qual a mídia se transformou em uma instituição semi-independente na sociedade à qual outras instituições têm que se adaptar”. Ainda, o autor a compreende como um processo da modernidade tardia que se acelerou principalmente no final do século XX em sociedades predominantemente ocidentais e industrializadas. Já Verón (2013, p. 115) traz esse processo como sendo concomitante à evolução do ser humano desde o surgimento das indústrias formalizadas.

Trazemos aqui o conceito de midiatização de Fausto Neto (2008) como sendo aquele que melhor se encaixa no presente trabalho, descrevendo a expansão de diferentes aparatos tecnológicos que modificam as inter-relações socioculturais e na comunicação, a convergência de fatores sociotecnológicos, a presença central da mídia e a mudança de vivência gerada por ela:

As mídias perdem este lugar de auxiliaridade e passam a se constituir uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais. A expansão da midiatização como um ambiente, com tecnologias elegendo novas formas de vida, com as interações sendo afetadas e/ou configuradas por novas estratégias e modos de organização, colocaria todos –

produtores e consumidores – em uma mesma realidade, aquela de fluxos e que permitiria conhecer e reconhecer, ao mesmo tempo. (FAUSTO NETO, 2008, p. 5)

Essa teoria busca estudar e refletir a mídia com sua inserção na rotina de diferentes instituições, como: política, religião, escola, trabalho, família, entre outros. Mais a frente, com o surgimento da internet, há a virtualização das interações do cotidiano quando a mídia atinge o âmbito da vida pessoal, dentro dos seus microgrupos e comunidades. Essa presença midiática no cotidiano de comunidades é o que norteia a teoria da midiatização que trabalharemos neste estudo, considerando sua predominância no âmbito virtual e nas redes sociais.

É importante ressaltar também que, neste trabalho, compreendemos a mídia como grande influente no cotidiano e nos indivíduos, porém não a colocamos como fator onipotente na qual desconsidera e menospreza o papel do receptor e sua capacidade crítica. Desse modo, consideramos para este estudo o poder da mídia e sua capacidade de atuar no cotidiano, sem desvalorizar a capacidade crítica dos atores envolvidos, em menor ou maior escala.

As várias formulações dos diferentes autores abordados convergem entre si ao afirmarem que as mídias não são mais uma ferramenta e meio para comunicar-se, tornando-se a própria comunicação com novas lógicas que perpassam as lógicas sociais e as interações entre indivíduos-meios e indivíduos-indivíduos. Ou seja, os processos de midiatização passam a nortear as mediações comunicativas da sociedade.

Indo na contramão à força da mídia tradicional, percebe-se, nessa nova realidade, um “sistema de resposta social” (BRAGA, 2006), já que, por menor que seja o acesso a pluralidade, essas diferenças estimulariam o debate, a comparação e até mesmo o aprendizado. “Os dispositivos sociais elaboram múltiplas perspectivas e as fazem circular” (BRAGA, 2006, p. 220).

Podemos pensar nesse enfrentamento no meme “Bela, Recatada e do Lar” quando ele vem para debater e contrariar o discurso de uma mídia hegemônica, como a Revista Veja. Pela nova apropriação de sentido proposta pelas redes sociais à reportagem da revista, o título da matéria tornou-se um discurso contra a visão androcêntrica da mulher, trazendo um novo formato de liberdade de expressão. Por essa resignificação do sentido da matéria como sendo machista, o movimento feminista ganhou uma nova voz, favorável ao movimento, além de muitas adeptas dentro das redes sociais, que viralizaram a tríade de adjetivos para combater o discurso patriarcal. Em paradoxo a esse discurso de uma mídia tradicional, percebe-se que foi ela mesma quem deu aos indivíduos a munição para o enfrentamento de uma questão tão relevante quanto o machismo, recirculando e resignificando a matéria da Revista Veja sobre a então primeira dama Marcela Temer.

Nesse processo midiático coloca-se a comunicação e as ferramentas tecnológicas como protagonistas das relações culturais e sociais que passam por uma retroalimentação entre indivíduos que alimentam a mídia e se alimentam dela para gerar novas discussões, indagações e interações. A midiatização não se limita mais apenas à opinião pública, ela passa por diversas instituições culturais e sociais para informar, comunicar e até criar relações sociais. Com esse processo, em um mundo mediado, não podemos analisar processos políticos como o feminismo sem levar em conta a sua presença e influência nas mídias. Dentro do processo de midiatização, os meios de comunicação, com destaque para as redes sociais, são utilizados para uma pluralidade de intenções, bem como tornam-se meios para reflexividade, discussão e abordagem de assuntos públicos e privados de forma descentralizada e desinstitucionalizada.

Para Fausto Neto e Valdetaro (2010), o andamento de uma invenção tecnológica se dá pelas dinâmicas sociais apropriadas a ela. Dessa forma, para pensar em uma sociedade no conceito da midiatização, é preciso pensar nas tecnologias transformadas em meios graças às interações sociais e às apropriações dela.

Já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a “cultura da mídia”. Sua existência não se constitui fenômeno auxiliar, na medida em que as práticas sociais, os processos interacionais e a própria organização social, se fazem tomando como referência o modo de existência desta cultura, suas lógicas e suas operações. (FAUSTO NETO, 2008, p. 4)

A comunicação expansiva, sem fronteiras e limites, é uma característica da sociedade midiatizada e tem como atributos a velocidade e intensidade, sendo a internet o principal impulso dessa aceleração. Hoje, há uma ambiência comunicacional gerada pela conversão da técnica em meios (FAUSTO NETO, 2011, p. 265). Dessa forma, indivíduos conseguem ser consumidores e produtores de conteúdo e, ao mesmo tempo, compartilhando e veiculando-os em diferentes formatos: vídeo, texto, imagem, som, entre outros. Nesse formato, a rede deixa de ser apenas um canal de comunicação, tornando-se um meio de trocas.

A partir do momento em que essas transformações midiáticas deixam de ser apenas instrumentais para tornarem-se estruturais da sociedade, as novas tecnologias transformam também a forma de consumo, produção, circulação e interação entre indivíduos, além de mudar a cultura, economia e sociedade. Ao referir-se a essas mudanças, principalmente de identidade e culturais, Martín-Barbero (2006, p. 54) defende que:

Dois processos estão transformando radicalmente o lugar da cultura em nossas sociedades: a revitalização das identidades e a revolução das tecnicidades. Os processos de globalização econômica e informal estão reavivando a questão das identidades culturais – étnicas, raciais, locais, regionais – até o ponto de convertê-las em dimensões protagonicas de muitos dos mais ferozes e complexos conflitos internacionais dos últimos anos, ao mesmo tempo que essas mesmas identidades, mais as de gênero e as de idade, estão reconfigurando a força e o sentido dos laços sociais, e as possibilidades de convivência no nacional e ainda no local.

Podemos ver que não há apenas maior quantidade de informação circulando; com essa intersecção de discursos, há também uma rearticulação das relações entre países e culturas, trazendo à tona uma "desterritorialização que hibridiza as culturas" (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 64). Com essa hibridização, é possível a criação de novos questionamentos dos padrões impostos que fazem nascer novas formas sociais e principalmente o contrafluxo aos padrões naturalizados. A possibilidade da identificação de sujeitos ajuda a criar padrões contra hegemônicos que geram protestos e contestação.

Assim como as identidades implodem fundamentalizando-se, também explodem reinventando-se em projetos de radical renovação da política e da sociedade toda. Refiro-me à crescente presença de estratégias tanto de exclusão quanto e especialmente, de conscientização exercidas no e desde o âmbito da cultura (A. Appadurai). Essas últimas não só inscrevem as "políticas de identidade" dentro da política de emancipação humana, mas também reformulam a fundo o sentido próprio da política, postulando o surgimento de um novo tipo de sujeito político. Sujeito entrevisto desde que o feminismo subverta o machismo metafísico com "o pessoal é político", e que nos últimos anos incorporou no mesmo movimento o sentido de dano/vitimização e do reconhecimento/conscientização. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 65)

Assim, com essa visão ampliada, cria-se um dissenso dos padrões que traz à tona os movimentos sociais e de minoria na internet e dentro das redes sociais.

Com isso, buscamos aqui trazer os impactos da sociedade midiaticizada e a atual complexificação dos movimentos sociais, os quais apresentam novos formatos e vertentes. Neste caso mais especificamente traremos o movimento feminista, no episódio do meme da internet "Bela, Recatada e do Lar".

## 2.2 O PAPEL DA INTERNET NA MIDIATIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Conforme exposto nos capítulos anteriores, este trabalho traz a midiaticização como um conceito que tem os meios como centrais e mediadores nos processos de comunicação e das relações sociais. É preciso considerar a mídia como central nas relações das instituições e sociedade como um todo, uma vez que, com o surgimento da internet e de novos e mais



avançados aparatos tecnológicos, a mídia passa a capilarizar-se também nas nossas relações do cotidiano e individuais: amigos, família, trabalho, entre outros. Assim, indivíduos têm mais acesso a outros indivíduos, as suas experiências pessoais e customizadas e é possível pluralizar a comunicação, até então massiva e impessoal.

Dessa forma, a mídia de massa perdeu força no protagonismo da narração e da mediação entre esses movimentos e a sociedade ao trazer debates polarizados, politizados e que, muitas vezes, incriminavam os atores envolvidos, focando em interesses políticos e econômicos disfarçados. Essa perda do monopólio na comunicação ocorreu de forma crescente após o surgimento da internet, que trouxe a popularização da mídia independente através de *blogs*, páginas em redes sociais e troca de opiniões e debates em fóruns *on-line*. Através desses novos meios foi possível obter informações de movimentos em tempo real e sob novas perspectivas. Nesse novo formato, dentro da sociedade midiaticizada, informações sobre esses movimentos podem partir de espaços e origens variadas, bem como de diferentes atores, em diversos campos sociais, que falam por e para aparatos e suportes tecnológicos diferentes. A relação entre mídia e sociedade se mantém nesse novo formato, mas traz novas formas de troca de informação e participação entre os atores.

Precisamos ressaltar que a mídia de massa não deixa de existir: ela passa, inclusive, a apropriar-se desses meios interativos e de maior troca para fazer parte dessa nova lógica midiaticizada, buscando novos artifícios para fazer-se presente e mascarar sua hegemonia e posicionamento parcial, trazendo a voz – seletiva – de espectadores através de redes participativas.

A midiaticização não se limita mais apenas à opinião pública; ela passa por diversas instituições culturais e sociais para informar, comunicar e até criar relações sociais. Com esse processo, em um mundo mediado, não podemos analisar processos políticos como o feminismo sem levar em conta a sua presença e influência com a mídia. Dentro do processo de midiaticização, os meios de comunicação, com destaque para as redes sociais, são utilizados para uma pluralidade de intenções, tornando-os meios para reflexividade, discussão e abordagem de assuntos públicos e privados de forma descentralizada e desinstitucionalizada.

Assim, assuntos antes considerados privados alcançam um espaço semipúblico através das redes sociais, onde é possível haver um compartilhamento de experiências e discussão de temáticas antes não abordadas de forma acessível e sem a interferência de grandes opiniões centralizadoras.

Este conceito também é relevante para entender a midiaticização do ativismo que acarretou em processos comunicativos facilitados, os quais auxiliaram na maior disseminação

de movimentos sociais. Através de redes sociais, *blogs*, plataformas colaborativas, entre outros, foi possível apropriar-se da tecnologia para ampliar o alcance de expressões e interações, aumentando também a sociabilidade e intervenção política. Broncano (2006, p. 82-83 *apud* MORAES, 2006, p. 43) afirma que “a tecnologia é antes de tudo um espaço de alternativas possíveis: é o lugar desde o qual se pode configurar o futuro no que depende da ação humana”. Dessa forma, dentre outros, o movimento feminista ganhou força, disseminando diversas manifestações e atos políticos. A tecnologia permitiu novas apropriações, reapropriações, oportunidades e possibilidades para a existência de uma contra hegemonia midiática.

É preciso considerar que, dentro da lógica da mídiatização, surge um novo espaço público no qual uma multiplicidade de atores e agentes confluem em busca de uma cultura política caracterizada pela resistência, a qual busca a emancipação da mídia hegemônica e também tornar-se formadora de opiniões e alternativas. Esses novos agentes tensionadores recriam e reconfiguram as identidades sociais e as políticas em busca de alternativas heterogêneas e agregadoras.

Fausto Neto e Valdetaro (2010) defendem que há um novo processo de produção e circulação de sentidos, o qual cria uma nova arquitetura através de alterações tecnológicas, em meios e em discursos, que quebram a unilateralidade anterior da mídia, trazendo novas práticas e um modelo comunicacional plurilateral com participação ativa dos indivíduos. Para os autores, o vínculo de produtores e consumidores é afetado nesse novo formato, alterando e criando novas formas de interação entre mídias, indivíduos e atores sociais. Dessa forma, a circulação é fator central nesse processo de comunicação, pois há novas formas de interação – agora essenciais nos novos formatos e nessa arquitetura que molda os processos comunicativos.

Nesse sentido, trazemos esse processo de circulação como essencial neste trabalho para falar do espalhamento da mensagem feminista e também do meme “bela, recatada e do lar”. Conforme exposto por Fausto Neto (2010, p. 7), “na ‘sociedade em vias de mídiatização’ estamos diante de um novo cenário sócio-técnico-discursivo que constitui as novas interações entre produção/recepção. Estas resultam diretamente, de novas formas de organização de circulação dos discursos”.

As novas invenções em rede aceleraram esse processo de comunicação feito por indivíduos para indivíduos. Entre eles podemos pontuar: as redes Wi-Fi; *Bluetooth*; redes de internet móvel (3G ou 4G); dispositivos de tecnologia móveis (*smartphones*, *tablets*, *notebooks*); entre outros. Além dos aparatos, está o que dá vida e movimento ao processo: as redes sociais, que proporcionam uma interação mais horizontalizada entre os indivíduos e em fluxos variados, de fácil acesso e sem necessidade de mediadores – na maioria dos casos. Entre

elas podemos citar: Instagram, Facebook, Twitter, Tumblr, Youtube e, mais recentemente, o TikTok.

Nesse novo formato de meios de comunicação, as pessoas tornaram-se produtoras de conteúdo e informação. O ciberespaço torna-se um ambiente de discussão, diálogo, trocas e conversas sobre os mais variados assuntos e nos mais diferentes formatos permitidos pelas plataformas. Dessa forma, criou-se uma autonomia de interação entre indivíduos antes não permitida pelos meios de massa.

Ao trazer essa participação dos indivíduos precisamos discorrer sobre o conceito de dispositivo-interacional que, para Braga (2012), são aqueles que se articulam através das práticas sociais e das experiências dos usuários como forma de tensionar conhecimentos e criar debates, indo além das ferramentas comunicacionais usadas e das regras de dispositivos, articulando-se principalmente com a apropriação dos usuários.

Dispositivos de interação” são espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais. (BRAGA, 2012, p. 11)

Não é “a mídia”, enquanto tecnologia, veículo ou empresa, que se caracteriza como dispositivo interacional – mas sim subconjuntos de regras e práticas habituais, apenas parcialmente determinados por estas instituições abrangentes. Quando se dá ênfase exclusiva ao nível empresarial da grande mídia (indústria cultural) reduz-se o comunicacional a mero epifenômeno da economia política. Na perspectiva processual, a mídia se coloca socialmente como âmbito privilegiado, ainda que não exclusivo, no qual código e normatividade (estabelecidos) se encontram e se articulam com práticas tentativas, em desenvolvimento inferencial, de estratégias que produzem regras. Desde o século XX – em que a mediatização se desenvolve como processo interacional de referência (Braga, 2007a) – tais dispositivos proliferam. Os processos ocorrem com intensidade e evidência, e se podem observar com o objetivo de extrair daí características e lógicas transversais que mostrem a interação em funcionamento. (BRAGA, 2010, p. 50)

Uma das características desse dispositivo de interação é sua capacidade de estimular processos criativos e participativos. Um exemplo, dentro do contexto de movimentos sociais feministas, são as *hashtags*: elas foram eleitas como a principal ferramenta política do feminismo (COSTA, 2018), trazendo questionamentos, levantando debates e propondo mudanças em relação às mulheres. Podemos citar as *hashtags* #MeuPrimeiroAssédio, #NãoMereçoSerEstupradas e a que deu origem ao meme abordado por este trabalho, #BelaRecatadaEDoLar, como alguns exemplos desse dispositivo interacional, trazendo esse viés colaborativo para combater o machismo em diferentes facetas e situações. Todas elas começaram no Twitter e foram migrando para outras redes sociais e até para outros meios de comunicação que mostram, explicam e levantam as questões dessas discussões propostas que,

na maioria das vezes, abordam temáticas privadas e pessoais para falar e abordar um problema comum: o machismo.

As *hashtags* nos movimentos sociais em rede não são exclusividade do movimento feminista, apesar de ser protagonista e se beneficiar do seu uso. Outros movimentos, como o de direitos dos animais, de preservação da natureza, combate ao racismo, entre outros, também já fizeram uso delas, como por exemplo na *hashtag* #SomosTodosMacacos, criada na internet após o jogador de futebol Daniel Alves ser alvo de racistas e ter uma banana arremessada contra ele em uma partida; bem como a *hashtag* #BlackLivesMatter, movimento ativista internacional voltado contra a violência direcionada às pessoas negras, especialmente à comunidade afro-americana.

Além das *hashtags* feministas, trazemos também portais feministas, criados para educar, estimular, defender e gerar mudanças positivas contra a desigualdade de gênero como exemplo de uma comunicação contra-hegemônica e participativa que surge nesse novo contexto da internet. No Brasil, o principal deles é o coletivo feminista e Organização Não Governamental (ONG) Think Olga. No “Quem Somos”<sup>3</sup> do site, a organização se intitula como:

A Think Olga é uma organização não-governamental de inovação social com foco em criar **impacto positivo na vida das mulheres** do Brasil e do mundo por meio da comunicação. Seu objetivo é fomentar debates que sejam catalisadores de mudança e traçar estratégias que promovam transformações culturais. Sua história começou em 2013 e, desde então, a ONG desenvolveu uma série de iniciativas que ganharam repercussão nacional e influenciaram a agenda pública, impactando no desenvolvimento de políticas voltadas para as mulheres. (THINK OLGA, 2020, grifo nosso)

Esta ONG traz um formato *on-line* ativo com discussões, relatos, manifestos e materiais educativos para, além de ajudar mulheres em situação de vulnerabilidade, conscientizar através do seu site e redes sociais sobre o machismo e todas as suas consequências.

As redes trazem uma perspectiva que vai muito além do espaço temporal e físico em que está inserido o discurso, podendo perpassar as barreiras de tempo e espaço na internet, e essa nova visibilidade é utilizada por meios alternativos, com novos dispositivos interacionais, para levantar bandeiras de movimentos sociais, torná-los mais abrangentes e conseguir novos adeptos. Assim, podemos ver que a evolução da tecnologia e das lógicas aplicadas a ela no processo de midiaticização foram essenciais não só para mudanças da sociedade, mas também no ato de militar.

---

<sup>3</sup> THINK OLGA. “Tudo sobre a Think Olga”. **Think Olga**. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/33booFn>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Com a circulação como fato crucial e uma mídia mais democrática no que diz respeito à participação dos usuários, os emissores e receptores se confundem e muitas mulheres passaram de espectadoras a vozes ativas no movimento contra o machismo e o patriarcado ao perceberem que podem ser produtoras de conteúdo, detentoras de opinião e disseminadoras da causa através das ferramentas que a internet e as redes sociais disponibilizam. Porém, essa circulação e força do movimento não depende apenas da produção do conteúdo, mas principalmente da sua disseminação e seu espalhamento nas redes (JENKINS; FORD; GREEN, 2013). Muitas vezes a produção de conteúdo não é o mais importante, mas sim a visibilidade que esse conteúdo terá em rede e a sua disseminação e apropriação por outras mulheres que validarão e darão força ao movimento, seja através de compartilhamento de uma publicação das redes, de novas versões geradas, de dividir suas experiências, entre outros.

A liberdade de emissão de opinião e conteúdo em prol de lutas de movimentos sociais possibilitada pela internet e pelas redes sociais virtuais reforça a mudança dos campos sociais e também da estrutura midiática que tem a representatividade como forte aliada para a circulação de discursos e a apropriação deles por diferentes atores sociais.

Coletivos e principalmente cidadãos e ativistas que usam as novas lógicas das redes para criar novos modos comunicacionais para dar voz aos movimentos através de diferentes dispositivos interacionais e redes mudaram a relação da mídia e da sociedade e posicionaram o feminismo como centro de discussões midiáticas nas redes, sendo falado, discutido e internalizado nas relações de indivíduos-indivíduos e indivíduos-mídia.

### 3 CONTEXTUALIZANDO O MOVIMENTO FEMINISTA

Aqui, buscamos contextualizar o movimento feminista de modo a entender como ele aderiu à lógica de disseminação e discussão do feminismo na internet. Para isso, é necessário compreender algumas etapas do movimento através de um breve relato histórico, o qual perpassa a divisão de ondas do feminismo, até chegar à Quarta. Compreendemos a Quarta Onda Feminista como aquela que se dá preferencialmente por formas de organização autônoma e horizontal, com diversos feminismos e múltiplas posições identitárias que utilizam, em concomitância, as ruas e as redes para pronunciar-se, tendo as redes sociais como condutor e veículo primordial do movimento e que consideramos encaixar-se melhor na análise do presente trabalho. Além disso, trazemos também algumas vertentes do feminismo que serão importantes para o embasamento da pesquisa e que são necessárias abordar, já que, apesar das ondas do feminismo trazerem características importantes do movimento, é preciso tomar cuidado ao abordá-las, pois há uma ausência de linearidade nessa divisão.

Todavia, não podemos deixar de problematizar a nomenclatura e a divisão do movimento feminista em "ondas", fatores que vêm recebendo críticas e sendo contestados por remeterem-se ao movimento de forma simplista, como algo que vai e vem, como se o feminismo de uma onda substituísse o outro, sem considerar o acúmulo de teorias, lutas e conquistas que cada onda leva para a seguinte e também a continuidade da luta. Ou seja, é preciso considerar, apesar dessa divisão, o movimento como contínuo e incessante, com avanços e diferentes focos a cada nova geração.

#### 3.1 BREVE REFLEXÃO DAS RAÍZES DA OPRESSÃO FEMININA: DA RELIGIÃO À MEDICINA

Antes de abordar as Ondas Feministas, caracterizadas pelos principais feitos das mulheres na busca por igualdade, decidimos trazer uma reflexão teológica e médica da mulher anteriormente a essas abordagens, uma vez que é relevante para a discussão, perpassa a visão feminina até hoje e merece estar neste trabalho.

Não há registros do início da opressão contra as mulheres: estima-se que elas sempre sofreram com uma sociedade patriarcal, de diferentes formas, de acordo com culturas, épocas, religiões e sociedades. Na Roma Antiga, em 195 d.C., as mulheres foram proibidas desde usar o transporte público até a limitação da participação nas atividades extra domésticas, por precisarem se dedicar ao lar enquanto os homens estavam na guerra. Já no século XIV, durante

a Santa Inquisição, as mulheres foram foco de perseguições numa época na qual eram considerados hereges todos aqueles que se opunham aos costumes e práticas católicas e aos grandes burgueses da época. Controle absoluto das atividades, retirada de instrumentos de “heresias” e até morte por enforcamento ou queimados em fogueira eram alguns dos castigos dados aos que se contrapusessem às leis da Santa Inquisição.

Esse período trazia um forte apelo religioso dos costumes e das pessoas, trazendo a mulher dicotomizada em duas visões que deixam rastros machistas até hoje: Virgem Maria X Eva – ora santa, quando submissa e obediente às leis patriarcais da época, ora depravada e pecadora, quando levantava a voz e buscava direitos e demonstrava seu intelecto indo além daqueles referentes ao lar, ou seja, Eva foi responsável pela queda do homem do paraíso, ela incita o mal e o pecado. Alves e Pitanguy (1981, p. 20) afirmam que “esse estigma, que se propaga por todo o sexo feminino, vem a se traduzir na perseguição implacável ao corpo da mulher, tido como fonte de malefícios”. Essa visão de Eva como ser inferior, proveniente de um fragmento do homem – a costela – e que ainda o corrompe, define uma inferioridade feminina disseminada para todas as mulheres que não se moldam ao padrão da Virgem Maria.

Nem só o pensamento teológico da época diminuía as mulheres; esse estigma era atestado também pela medicina, principalmente ao abordar a genitália feminina e a menstruação, que era considerada um ato de bruxaria.

Ambroise Paré, médico e cientista ilustre do século XVI, vê no organismo feminino a prova da inferioridade da mulher: “Porque o que o homem tem externamente a mulher o tem internamente, tanto por sua natureza quanto por sua imbecilidade, que não pode expelir e por para fora estas partes”. Acrescenta que os órgãos sexuais femininos tornam as mulheres “disformes e vergonhosas quando nuas” e, em relação à menstruação, afirma: “Porque as mulheres são de temperatura fria, em relação aos homens, a sua alimentação não se transforma num sangue bom, tanto que a maior parte se torna indigesta e se transforma em menstruações, das quais a mulher sadia se purga e se limpa”. (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 21)

A fisiologia feminina de menstruar era tida como um ato indigno e de bruxaria: a mulher era colocada como disforme, imperfeita, feiticeira. As autoras Alves e Pitanguy (1981, p. 23) demonstram isso com uma passagem do livro *Trois Livres des Charme, des Sorcelages et Enchantementes*, de Leonard de Vair, inquisidor em 1583: “Mensalmente elas se enchem de elementos supérfluos e o sangue faz exalar vapores que se elevam e passam pela boca, pelas narinas e outros condutos do corpo, lançando feitiços sobre tudo que elas encontram”.

Já durante a Revolução Francesa, mulheres participaram ativamente do movimento que buscava liberdade, fraternidade e igualdade, mas ficaram de fora das conquistas alcançadas, o que acabou formando grupos políticos estritamente femininos que buscavam os direitos das

mulheres como cidadãs. Símbolo desse movimento, em 1791, Olympe de Gouges reagiu criando *Os Direitos da Mulher e da Cidadã*, obra que trazia a discussão da revolução incluindo as mulheres como participantes ativas e trazendo demandas como o direito à igualdade. Essa atitude fez com que fosse condenada à guilhotina com a acusação de que estaria desvalorizando as virtudes de ser mulher por querer ser um homem (ou igual a um).

Esses são alguns dos pensamentos patriarcais que se construíram ao longo do tempo e contribuíram para consolidá-los na sociedade através de uma ideologia que oprime o sexo feminino e ainda valida uma dominação<sup>4</sup> masculina, dividindo ambos os gêneros em características e ambientes diferentes a serem vividos.

Vivemos, no século XXI, em uma sociedade essencialmente patriarcal, na qual há relações de dominação explícitas, tanto na esfera privada quanto na pública, como por exemplo na divisão sexual do trabalho. Mas a luta feminista é antiga e continua árdua até hoje.

Antes de abordar o momento atual do movimento, faremos um breve apanhado histórico pelas principais conquistas rumo à uma sociedade um pouco mais igualitária – ou seria melhor dizer um pouco menos androcêntrica?

### 3.2 A PRIMEIRA ONDA FEMINISTA

Como dito anteriormente, antes de adentrar nas Ondas Feministas, é preciso considerar que aqui trazemos as grandes rupturas na estrutura patriarcal ao longo do tempo, as quais foram marcantes para o movimento. Porém, é preciso ressaltar que a luta feminista não se inicia na Primeira Onda, mas acompanha toda a trajetória da história da humanidade e das mulheres. Também é necessário dizer que cada onda dessa luta, cada conquista e suas características principais podem variar e acontecer em épocas diferentes em cada país e região. Aqui trazemos as principais e por muitas vezes pioneiras. Essa divisão, que tem como parâmetro principal os Estados Unidos da América (EUA), auxilia a organizar a realidade e apontar tendências do feminismo. Contudo, é preciso ir além dessa fragmentação para realizar tal análise e, dessa forma, não desvalorizar e desconsiderar questões como contradições de diversidade de tempo e campo social.

---

<sup>4</sup> Sobre dominação, trazemos a visão de Weber (2014, p. 33) que diz ser “a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis. (...) A situação de dominação está ligada à presença efetiva de alguém mandando eficazmente em outros”.



A Primeira Onda Feminista é aquela marcada pela trajetória da busca pelo voto feminino e da validação das mulheres como cidadãs. Esse movimento aconteceu pioneiramente na Inglaterra, conforme descrito por Pinto (2010, p. 16):

As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado na Inglaterra em 1918.

E nos Estados Unidos:

a luta pela libertação fez do princípio básico da igualdade a expressão primeira de sua Declaração de Independência: “Todos os homens foram criados iguais”. Temendo que o conceito de “homem” contido na Declaração abarcasse tão somente o sexo masculino, Abigail Adams escreve a seu marido, John Quincy Adams, líder da Guerra da Independência, uma carta em que reivindica sejam estendidos a seu sexo aqueles direitos: “(...) Espero que no novo Código de Leis... vocês se lembrem das mulheres e sejam mais generosos que seus antepassados. (...) Se não for dada especial atenção às mulheres, estamos resolvidas a nos rebelar e não nos consideraremos obrigadas a cumprir leis, diante das quais não temos nem voz, nem representação”. (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 30-31)

O movimento sufragista reuniu mulheres de diversas classes sociais e se deu pela necessidade de reivindicar as diferenças nos direitos e deveres civis entre homens e mulheres, conforme dissertam Alves e Pitanguy (1981, p. 41): “Através de uma luta constante por seus direitos, as mulheres trabalhadoras romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações na esfera pública”. As autoras ainda afirmam que, no ápice do movimento, ele chegou a mobilizar até 2 milhões de mulheres, tornando-o um dos movimentos políticos de massa mais significativos do século XX.

Figura 1 – As sufragistas



Fonte: Marcelino (2018).

No Brasil, essa Primeira Onda manifestou-se mais tarde, em 1910, quando a professora Deolinda Daltro fundou o Partido Republicano Feminino no Rio de Janeiro para ressurgir o debate sobre o voto feminino no Congresso Nacional. Depois, em 1919, Bertha Lutz, bióloga e cientista que estudou no exterior e voltou ao Brasil com ideias progressistas, liderou as *sufragetes* brasileiras rumo à luta pelo direito ao voto através de divulgação na imprensa e pressão sobre o Congresso. Lutz foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que lutou publicamente pelo voto feminino, levando, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Lamartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi enfim conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro.

Ainda na Primeira Onda nasceu também o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na "União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas". Elas fizeram um manifesto em 1917, que trazia a situação fragilizada das mulheres da classe trabalhadora, proclamando: "Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes" (PINTO, 2003, p. 35). É importante ressaltar que, no Brasil, o movimento não teve as mesmas características massivas e populares que no exterior, sendo um movimento prioritariamente elitista e de classe média.

A luta sufragista deu-se em diferentes momentos ao redor do mundo, sendo um movimento popular em alguns lugares e em outros não, como é o caso do Brasil. Em todos os casos, a prioridade era a luta por direitos civis, mais precisamente o direito ao voto.

### 3.3 A SEGUNDA ONDA FEMINISTA

Após a Primeira Onda, a busca por direitos das mulheres não cessou. Nasce a Segunda Onda Feminista no final da década de 1960, no pós-guerra, que tinha como principal característica defender e reivindicar peculiaridades femininas como sexualidade, corpo feminino e mercado de trabalho. O feminismo desse momento “deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres” (PEDRO, 2005, p. 79). Essa vertente do movimento tinha como lema “o político é pessoal”. Essa onda teve prioritariamente a busca por:

opor-se aos pressupostos androcêntricos dos saberes dominantes e assim escapar à rigidez das proposições normativas e ao fechamento do pensamento binário e estático do feminino e do masculino. (...) tendo em vista conter os efeitos perversos de uma organização social, na qual os lugares e as atividades dos indivíduos são naturalizadas e hierarquizadas segundo o pertencimento a um sexo ou outro. (DESCARRIES, 2000, p. 10).

As maiores reivindicações das mulheres dessa Segunda Onda iam contra os padrões de gênero, a opressão do sexo feminino, sua ocupação do espaço público X privado e os questionamentos acerca do sistema patriarcal, além da reivindicação do aborto como uma decisão de liberdade de cada mulher. O comportamento padrão da mulher feminina, dona de casa, esposa e mãe de família foi colocado à prova para dar lugar a uma mulher livre, que desejasse fazer o que quisesse, podendo, inclusive, não casar ou não ter filhos.

A tabela abaixo, de Boix e Miguel (2013, p. 73), apresenta a lógica androcêntrica de divisão do ser, fazer e viver entre homens e mulheres, divididos nos ambientes público X privado.

Figura 2 – Masculino X Feminino, Público X Privado  
**A configuração dos espaços público e privado na modernidade.**

<b>ESFERA PÚBLICA</b>	<b>ESFERA PRIVADA</b>
Masculino	Feminino
Universalidade – neutralidade	Particularidade – parcialidade
Cultura – ciência – técnica	Natureza
Liberdade	Necessidade
Mente – produção de ideias	Corpo – produção de corpos
Razão – entendimento	Paixão – sentimentos
Ética da justiça	Ética do cuidado
Competitividade	Caridade – beneficência
Fazer	Ser
Produtividade – trabalho assalariado	Improdutividade – “não-trabalho”
“os iguais”: indivíduos-cidadãos	“as idênticas”: mães – esposas”

Fonte: Boix e Miguel (2013, p. 73).

O livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, lançado em 1946, traz uma grande discussão sobre gênero como uma construção social imposta ao indivíduo logo após o nascimento, questionando os papéis de gênero atribuídos a homens e mulheres até o momento e dando início a relevantes estudos sobre gênero e sexo. Seguindo os estudos de Beauvoir, a ativista feminista Betty Friedan (1921-2006) publicou a obra “A mística feminina” em 1963

com depoimentos de mulheres da classe média sobre suas funções como donas de casa, mostrando suas experiências no âmbito privado do lar.

Alguns anos depois, em 1970, outro nome importante dos estudos feministas surgiria: Kate Millet (1934-2017), uma ativista também americana que publicou o livro “Política Sexual”, no qual analisou historicamente a relação entre os sexos e a relação de poder presente em todas as culturas. Em 1970, outra mulher trouxe estudos importantes sobre o feminismo através da psicanálise, a neozelandesa erradicada inglesa Juliet Mitchell (1940), que publicou “A Condição Feminina”. Nessa obra, ela trouxe reflexões sobre a reprodução da sexualidade e da educação. Em 1974, a autora lançou outro trabalho importante para a área e obra pela qual ficou mais conhecida, “Psicanálise e Feminismo: Freud, Reich, Laing e a Mulher”, que, segundo Valentim Brasil e Costa (2018, p. 432), “reflete sobre a psicanálise não como defensora ou promotora de um sistema patriarcal, mas sim como uma possibilidade de teorizar sobre a sociedade em que se insere”.

Estas foram algumas das estudiosas principais do período da Segunda Onda, que passaram a contribuir com estudos feministas relevantes entre 1960 e 1980. Nesse momento, o movimento feminista, que antes buscava igualdade política e civil entre homens e mulheres, passou a buscar e entender a causa dessas desigualdades. Assim, surgem três correntes feministas diferentes e não necessariamente complementares: O Feminismo Igualitário, o Feminismo Radical e o Feminismo de Femitude (DESCARRIES, 2000).

A corrente do Feminismo Igualitário é uma herança da era das sufragistas; ele pondera apenas mulheres oprimidas por não serem tratadas da mesma forma que os homens, referente aos direitos políticos, de educação e do direito ao trabalho, lutando contra a divisão sexual do trabalho que contribui para uma discriminação entre homens e mulheres, buscando reivindicar a mentalidade e as práticas dentro do ambiente privado do lar e na esfera pública. Descarries (2000, p. 15) aponta que, “nesta perspectiva, a palavra de ordem era modificar a socialização e a educação das meninas, reformular as tarefas domésticas na família e favorecer o acesso das mulheres aos locais de saber e de poder econômico ou político”.

Já o Feminismo Radical surgiu em 1970 com ideais diferentes da corrente igualitária. Essa corrente busca encontrar e lutar contra a raiz da opressão feminina: o determinismo biológico imposto pela sociedade opressora e patriarcal. “Enquanto as Igualitárias criticavam os papéis em vez das estruturas, as Radicais reivindicavam a abolição das instituições patriarcais para acabar com o determinismo biológico e concretizar seus objetivos libertadores” (DESCARRIES, 2000, p. 17).

É nessa corrente que surgem os principais questionamentos do movimento, como: a mulher com a obrigação de ter o papel de mãe e os trabalhos domésticos sendo sempre colocados como obrigatoriedade da mulher, o que seria uma forma de opressão da mulher e de mantê-la no papel do ambiente privado. Para as feministas radicais, a opressão feminina inicia-se na instituição privada do lar, disseminando-se para as instituições públicas. Mello (2011) disserta que o feminismo radical acreditava que o lar era tratado como espaço de clausura das mulheres no espaço privado, para afastá-las das esferas públicas, políticas e econômicas. Ainda de acordo com a autora, foi criada uma estrutura social para que a mulher vivesse dentro do lar e, dessa forma, não pudesse adentrar na vida pública, pois a mudança dessa estrutura geraria tantas transformações que seria ameaçador e amedrontador para toda a sociedade.

a decisão da mulher de não ser dona de casa seria tão revolucionária que destruiria a organização social que agora conhecemos. Para reforçar a situação, para manter as coisas tal como estão e afastar a ameaça de uma revolta, criou-se a doutrina da posição natural da mulher na família como dona de casa. (MELLO, 2012, p. 210)

O Feminismo Radical leva esse nome pelo significado original da segunda palavra: de origem, das raízes, ou seja, porque essa corrente buscava ir no cerne da opressão feminina, buscando os mecanismos causadores dela.

Figura 3 – O pessoal é político



*“Irmãs! Questionem todos os aspectos de nossas vidas. Reconheçam + lutem contra a opressão cotidiana”.*

Fonte: Furiosa; QG Feminista (2018).

A última corrente surgida na Segunda Onda foi a Corrente do Feminismo da Feminitude ou Feminismo da Diferença, da década de 1980, e, na contramão da vertente anterior, trouxe um retorno da experiência feminina ligada à maternidade e aos outros aspectos ligados biologicamente às mulheres. Essa vertente propõe a teoria do feminino-materno, a qual afirma que o corpo feminino naturalmente tem a necessidade de procriação e que a saída para o ambiente de trabalho assalariado, através da emancipação financeira e social, faria perder a identidade feminina através da perda de habilidades naturais intrínsecas ao gênero. Descarries (2000, p. 22) aponta que as mulheres desse movimento:

invadem o espaço teórico com discussões sobre o sujeito feminino, o corpo, a gestação, a procriação e o prazer materno, vistos como espaços distintos e lugares primeiros de diferença e de relação ao Outro. As teóricas desta corrente que chamo de Feminismo da Feminitude propõe como solução uma teoria do feminino-materno que privilegiaria a reapropriação do território e dos imaginários femininos, próprios à experiência do corpo sexuado e da procriação.

Há, nessa corrente, uma supervalorização da maternidade e da feminilidade, apontando que a mulher deveria levar para a vida pública aspectos unicamente femininos como generosidade, altruísmo, amor e afetividade, sendo colocados contra a realidade androcentrista, realizando uma mudança social. O discurso valoriza aptidões femininas, como é exposto por Descarries (2000, p. 25): “o feminino e o espaço materno como lugares da diferença e do Ser mulher. A maternidade torna-se assim um ato de criação e a ênfase posta sobre o potencial criador das mulheres, uma fonte de poder e identidade”. Esse feminismo é perigoso, pois exalta unicamente questões referentes ao corpo biológico da mulher como sinônimo de alteridade, deixando de lado contextos sociais.

No Brasil, o momento histórico era diferente e não propício para movimentos sociais: o país estava no auge da Ditadura Militar (1964-1985). De forma tímida e clandestina, nesse período aconteceram as primeiras manifestações feministas dos anos 1970 no país, já que o regime identificava como ameaça qualquer movimento das mulheres, por serem moralmente e politicamente perigosas. Um dos momentos mais importantes para o feminismo da época no Brasil foi quando, em 1975, aconteceu no México a I Conferência Internacional da Mulher, e a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou os próximos dez anos como a década da mulher. Naquele mesmo ano, no Brasil, aconteceu uma semana de debates sob o título "O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira", com o patrocínio do Centro de Informações da ONU tornando mais efervescente o debate no país. Ainda nesse ano, Terezinha

Zerbini lançou o Movimento Feminino pela Anistia, que teve papel muito relevante na luta pela anistia, a qual ocorreu em 1979 (PINTO, 2010).

O feminismo no Brasil volta a ter destaque na década de 1980, com a redemocratização da política no país, quando surgem diversos grupos que buscavam a igualdade entre homens e mulheres através de diversas vertentes.

### 3.4 A TERCEIRA ONDA FEMINISMO

A Terceira Onda do feminismo aconteceu por volta de 1990 e teve como uma porta-voz importante a autora Judith Butler, trazendo a discussão sobre as diferenças dentro das diferenças. Para Butler, os feminismos anteriores traziam uma identidade definida, categorizando mulheres, sem se atentar de que a opressão atinge diferentes mulheres, de formas variadas. Ela propõe um recorte maior, de gênero e classe. A Primeira Onda buscava apenas representatividade para mulheres brancas burguesas e operárias, esquecendo-se da luta da mulher negra, por exemplo.

As mulheres não são iguais aos homens, nem iguais entre si: elas sofrem as consequências das diferenças também de raça, classe e localidade, por exemplo.

as reivindicações por justiça foram progressivamente expressadas como reivindicações pelo reconhecimento da identidade e da diferença. [...] Com esta mudança “da redistribuição para o reconhecimento” vieram pressões poderosas para transformar a segunda onda do feminismo em uma variante da política de identidade. vieram pressões poderosas para transformar a segunda onda do feminismo em uma variante da política de identidade. (FRASER, 2009, p. 46)

Nesse momento, a Terceira Onda passa a questionar o próprio pensamento feminista, buscando descartar tudo o que é homogêneo e passando a dar voz à pluralidade e a outros grupos dentro do movimento feminista: o de mulheres negras, lésbicas ou trabalhadoras rurais, por exemplo. Macedo (2006, p. 814), uma das criadoras do Dicionário da Crítica Feminista, afirma que:

O conceito de pós-feminismo poderá assim traduzir a existência hoje de uma multiplicidade de feminismos, ou de um feminismo "plural", que reconhece o factor da diferença como uma recusa da hegemonia de um tipo de feminismo sobre outro, sem contudo pretender fazer tabula rasa das batalhas ganhas, nem reificar ou "fetichizar" o próprio conceito de diferença.

Concordando com essa visão, Miguel e Biroli (2014, p. 85) falam sobre a multiplicidade do feminino:

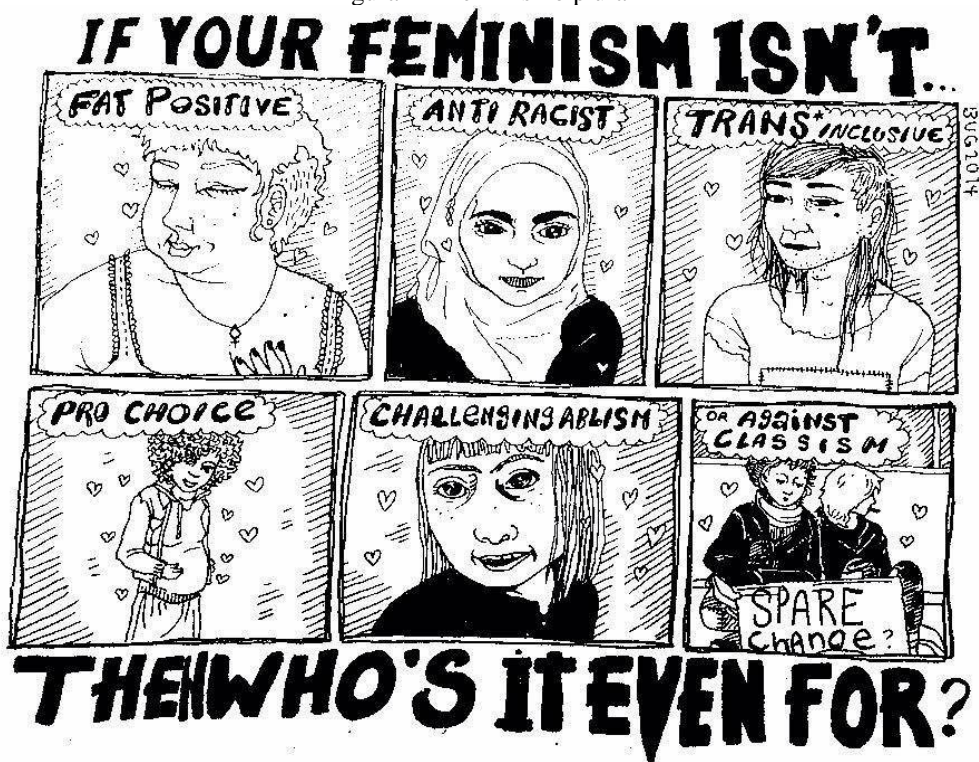


a admissão da multiplicidade de vivências das mulheres numa sociedade. A experiências das mulheres em posição de elite – brancas, educadas, burguesas ou pequeno burguesas, heterossexuais – tende a ser apresentada como a experiência de todas as mulheres. Essa crítica [...] foi estendida ao pensamento feminista em geral por autoras vinculadas às posições mais desprivilegiadas.

A Eco 1992 e a Planeta Fêmea foram um marco para o início das ONGs feministas no Brasil, que traziam a profissionalização e a tecnificação de ações pró-mulheres, buscando e trazendo agendas internacionais de gênero. Nesse momento, a Terceira Onda ganha força no país e entra com discussões sobre corpo, gênero e direitos da mulher em suas variadas vertentes: classe, raça e diversidade sexual.

Com esse novo olhar sobre a pluralidade da mulher, novas vertentes e/ou correntes surgem das necessidades e demandas de diferentes grupos, que passam a considerar particularidades como raça, religião, classe social e orientação sexual, por exemplo. O movimento feminista negro foi um dos que ganhou destaque na Terceira Onda. Segundo Miguel e Birolli (2014, p. 85), “Feministas negras questionaram os desdobramentos dessa construção da identidade da mulher”, mostrando que a realidade das mulheres negras trabalhadoras é totalmente diferente das mulheres brancas de classe média.

Figura 4 – Feminismo plural



*“Se seu feminismo não é gordo-positivo, antirracista, transinclusivo, pró-escolha, anticapacitista e contra o classismo, então por quem ele luta?”*

Fonte: Furiosa; QG Feminista (2018).



### 3.4.1 A vertente do feminismo interseccional

A interseccionalidade inicia um processo de descoberta, nos alertando para o fato de que o mundo a nossa volta é sempre mais complicado e contraditório do que nós poderíamos antecipar. (...) Ela não provê orientações estanques e fixas para fazer a investigação feminista (...). Ao invés disso, ela estimula nossa criatividade para olhar para novas e frequentemente não-ortodoxas formas de fazer análises feministas. A interseccionalidade não produz uma camisa-de-forças normativa para monitorar a investigação (...) na busca de uma “linha correta”. Ao invés disso, encoraja a cada acadêmica feminista a se envolver criticamente com suas próprias hipóteses seguindo os interesses de uma investigação feminista reflexiva, crítica e responsável. (DAVIS, 2008, p. 79)

Ao falar da Terceira Onda Feminista, é preciso entrar na pauta de interseccionalidade. Leslie McCall (2005, p. 1771) chegou a afirmar que a interseccionalidade pode ser considerada uma das contribuições teóricas mais importantes que os estudos de mulheres e campos afins produziram até o momento. Por isso, e por encaixar-se diretamente na temática abordada neste trabalho, essa vertente merece uma seção só para ela, trazendo seu apanhado histórico, principais contribuições para o movimento e importância no debate feminista atual.

Apesar de ganhar força por volta dos anos 2000, a problemática da interseccionalidade é mais antiga e vem de uma herança do *Black Feminism* dos anos 1970<sup>5</sup>, que debatia, questionava e trazia reflexões sobre o movimento feminista como sendo branco, heteronormativo e elitista, categorizando as mulheres de forma homogeneizante e levantando a necessidade de trazer outros debates como classe e raça para heterogeneizar o feminismo e as experiências das mulheres.

Esse termo, tão falado, trabalhado e estudado hoje em dia nas pautas feministas, teve os holofotes virados para si com um texto da jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw (1989), que abordou a interseccionalidade para falar da relação de poder entre raça e gênero, trazendo para a pauta o feminismo negro através do seu texto “Desmarginalizando a Intersecção entre Raça e Sexo: Uma Crítica Feminista Negra à Doutrina Antidiscriminação, Teoria Feminista e Política Antirracista”. Nesse e em seus trabalhos sucessores, Crenshaw explica que, assim como todas as mulheres estão suscetíveis à discriminação de gênero, outros fatores de identidade social também pesam na forma como diferentes tipos de mulheres experienciam a discriminação. Entre esses fatores estão: raça, opção sexual, etnia, religião, entre outros.

Nesse sentido, para Crenshaw (2002, p. 177):

---

<sup>5</sup> Combahee River Collective (2008); Davis (1981); Hooks (1981); entre outras.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

Esse termo perpassa a Terceira Onda Feminista, mantendo-se forte nas discussões até hoje. O olhar interseccional vem sendo adotado por movimentos feministas de vertentes variadas que buscam levantar diferentes bandeiras, como o das mulheres negras e LGBTQIA+, por exemplo. Esse termo inclusive é fortemente citado na Quarta Onda Feminista, a qual abordaremos adiante, sendo uma das pautas principais dessa que é considerada a atual onda do movimento. Sobre isso, Silva e Pedro (2016, p. 194) afirmam que: “Diferentemente das ondas que a antecederam, a proposta mais ousada de uma quarta onda do feminismo [...] é reconhecida pela incorporação dos diversos feminismos de correntes horizontais, como o negro, lésbico e o masculino e os LGBT”.

Essa luta interseccional das mulheres expandiu-se até hoje, com a ajuda do feminismo em rede, ou ciberfeminismo, que tem como principal ferramenta da luta a internet, do qual falaremos a seguir.

Em síntese, o feminismo interseccional vem para trazer a mulher como um ser político unívoco (RIBEIRO; O'DWYER; HEILBORN, 2018), permitindo a expressão e legitimação de diversas formas de feminismo, cada uma com suas particularidades de luta, necessidades e formas de discriminação a serem combatidas.

### 3.5 A QUARTA ONDA FEMINISTA E O FEMINISMO EM REDE

Quando falamos da Quarta Onda Feminista, não podemos ignorar os avanços tecnológicos e as novas mídias que corroboraram para a criação e disseminação de novas identidades. A internet deixa de ser um meio único e exclusivamente de comunicação para tornar-se um meio de lutas políticas e de visibilidade para movimentos sociais, e as redes sociais digitais têm grande importância nesse processo, sendo terreno de disputas e ações políticas coletivas.

Com a popularização da internet, a produção de conteúdo é facilitada a partir do momento que qualquer internauta pode produzir conteúdo de texto, imagem e/ou vídeo e compartilhá-lo na rede. Dessa forma, também ideias feministas, até então restringidas a pequenos grupos, espalham-se e ganham novas adeptas nas redes sociais.

O movimento da Quarta Onda, também chamado de ciberfeminismo (LEMOS, 2009), tem como principal característica o uso da internet como ferramenta para a disseminação de ideais do movimento. A pluralidade de vertentes do movimento feminista nesse novo formato tem aumentado, fazendo surgir novas formas de feminismos e dando oportunidade de voz a todas elas. O ciberfeminismo traz, ainda mais forte do que na onda anterior, o feminismo em intersecções. Para Lemos (2009, p. 15), “tem-se tornado difícil nomear os feminismos atuais por um único adjetivo ou até mesmo insistir na utilização desse nome”, e isso ocorre devido à pluralidade de pautas e discussões das diversas vertentes e ideologias feministas.

Donna Haraway foi um nome importante nessa migração e mudança na lógica do movimento feminista. Ela foi uma das mulheres que inspirou o nascimento do ciberfeminismo e que criou o Manifesto Ciborgue, de 1984:

Desde o seu aparecimento, há duas décadas, são inúmeras as definições para o termo Ciberfeminismo, que foi cunhado pela primeira vez, no ano de 1991, pelo grupo australiano VNS Matrix. O grupo composto, por mulheres, se autoproclamou “ciberfeministas” a partir de um manifesto por elas composto, o Manifesto Ciberfeminista (1991). O manifesto era uma homenagem a Donna Haraway, teórica que foi responsável, durante a década de 1980, por uma nova releitura dos movimentos feministas. Apesar de nunca ter usado diretamente o termo Ciberfeminismo, Haraway, teve suas ideias eleitas por diferentes grupos como base teórica ao sugerir uma análise do feminismo sob a ótica das novas tecnologias, incluindo os meios de comunicação, propondo a organização em rede e apropriação dessas tecnologias como forma de ativismo político. (LEMOS, 2009, p. 41).

No Manifesto Ciborgue, a autora faz uma analogia entre quando termina a ação humana para quando começa a ação da máquina, propondo que as mulheres deveriam apropriar-se desse conceito para promover articulações de discursos e também movimentos presenciais, disseminando-os através da rede – ou seja, começando em rede e vascularizando-se para ganhar força na cena em momentos presenciais.

Haraway sugere que as tecnologias são potencialmente repreensivas e ao mesmo tempo libertadoras dependendo de quem as usa e para que finalidade o uso seja destinado. Para salvaguardar o controle do corpo (questão preminentemente feminista, independente de suas correntes) e de suas vidas, as mulheres devem abandonar as oposições binárias (natureza/tecnologia) que demonizam a ciência e a tecnologia e deificam a natureza. Como afirma Haraway o conceito do ciborgue significa “tanto construir quanto destruir máquinas, identidades, categorias, narrativas espaciais. Embora estejam envolvidas, ambas, numa dança em espiral, prefiro ser uma ciborgue a uma deusa”. (HARAWAY, 1984, p. 09 *apud* LEMOS, 2009, p. 47)

A relação das mulheres com a tecnologia e contra a discriminação de gênero, segundo Ferreira (2007), já estava presente desde os anos 80, quando mulheres convocaram outras a participar do espaço tecnológico, até então predominantemente masculino, objetivando

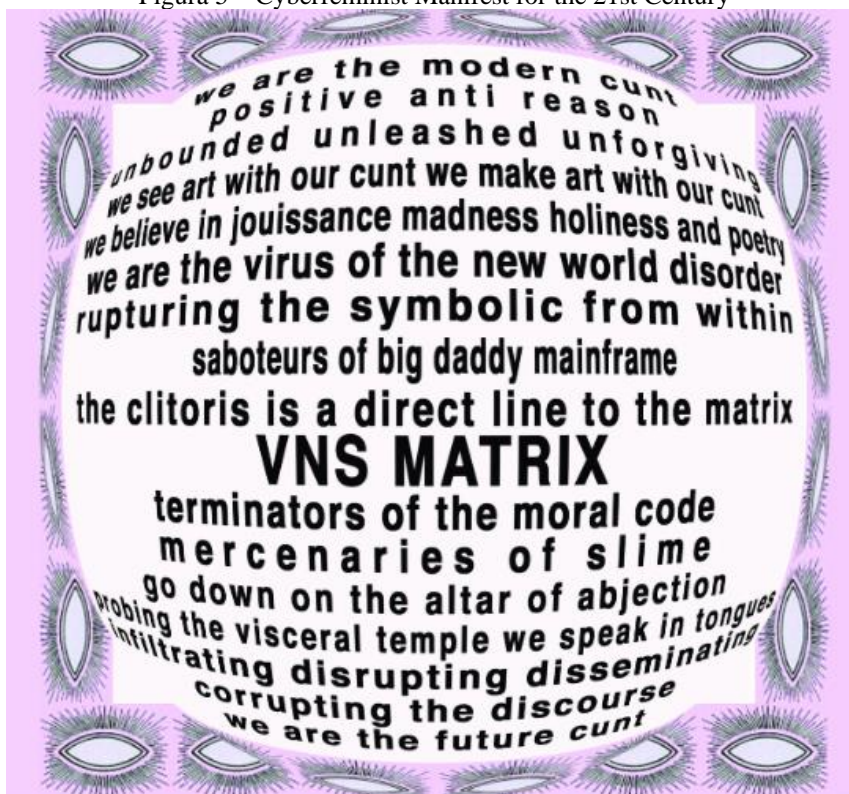
combater a imagem masculinizada desses meios. A participação das mulheres seria uma forma de enfrentar e afrontar a imagem do homem e máquina, para passar a ser também MULHER e máquina.

O coletivo artístico australiano VNS Matrix (1991 a 1997) foi responsável por um dos manifestos feministas mais famosos da internet, o *Cyberfeminist Manifest for the 21st Century*, e foi o primeiro a cunhar o termo ciberfeminismo.

O ponto de partida do grupo foi produzir relações sexualizadas e socialmente provocantes entre mulheres e tecnologia a partir de cenários de ficção científica. As obras questionaram discursos de dominação e controle no espaço cibernético em expansão, como as personagens DNA Sluts, do jogo de computador All New Gen, que lutavam pela “libertação de dados” com o G-Slime, uma espécie de disparo de raio laser a partir do clitóris, e que tinham como objetivo semear uma “nova desordem mundial” questionadora de uma lógica falocêntrica. (FERREIRA, 2015, p. 5)

Esse movimento trazia fortemente a questão pro-sexo, exaltando o prazer feminino, o clitóris e, especialmente, a sexualidade feminina, a qual era considerada, falada e mostrada.

Figura 5 – Cyberfeminist Manifest for the 21st Century



Tradução livre: Nós somos vadias modernas, a anti-razão positiva ilimitada, frenética e implacável. Nós vemos e fazemos arte com nossa buceta. Acreditamos em gozo, loucura, santidade e poesia. Nós somos o vírus da nova desordem mundial, rompendo o simbólico desde dentro, sabotando a estrutura patriarcal. O clitóris é uma linha direta com a matriz. VNS matrix – exterminadoras dos códigos morais, mercenárias do lodo abaixo do altar da abjeção que sondam o templo visceral, infiltrando, interrompendo, disseminando e corrompendo o discurso. Nós somos o futuro-vadia.

Fonte: VNS Matrix (s/d).

A partir dos anos 2000, o tema central do ciberfeminismo passou a ser a diversidade do movimento e as diferentes necessidades e lutas de cada grupo. Além do acesso desigual às novas tecnologias por homens e mulheres, esse novo olhar interseccional é considerado quando se fala do acesso das mulheres à internet e às redes sociais, já que é preciso considerar a disparidade social, principalmente quando falamos de Brasil.

para “medir” o “grau” de tal fratura há que estar atento à articulação de marcadores sociais de diferença (gênero, classe, raça, idade e nacionalidade) quando relacionados a alfabetização (formal, digital e domínio de inglês – por ser a língua franca no ambiente web), à capacidade e oportunidade de acesso à rede, aos usos das tecnologias pelas pessoas, e ao posicionamento na produção, desenho e governança da tecnologia digital. (FERREIRA, 2015, p. 8)

Dessa forma, é preciso abordar com ressalvas o movimento ciberfeminista como um movimento democratizador e de acesso plural a diferentes mulheres. O acesso à informação e às novas ferramentas da internet e redes sociais deu-se de forma desigual, já que é preciso levar em consideração fatores como classe social, diferenças étnico-raciais, territoriais, entre outras, que causam questões como: pobreza extrema, analfabetismo e falta de acesso a aparatos tecnológicos (internet e/ou computadores, por exemplo). Desse modo, é necessário levantar a discussão sobre o fato de as mazelas sociais excluírem uma grande parcela de mulheres do acesso a conhecimentos variados, dentre eles o conhecimento da luta feminista e do movimento, deixando-as alheias à luta pelos seus direitos.

Costa (2018) traz a importância das redes sociais para o movimento feminista da quarta onda, mas também levanta a questão com ressalvas sobre a falsa noção de total horizontalidade:

Já não estamos mais tão otimistas assim como na época em que Castells celebrou as manifestações. No momento, as mídias sociais estão sob observação. O sonho de uma web descentralizada e democratizante pode não ter se esgotado, porém exige atenção redobrada. Mas vale insistir: se algum movimento se beneficiou da lógica descentralizada das redes, sem dúvidas esse movimento foi a insurreição feminista. (COSTA, 2018, p. 60)

Todavia, quando trazemos o movimento para uma parcela privilegiada e com uma macrovisão, podemos identificar o crescimento de adeptas do movimento feminista, o qual tem apresentado aumento não só em número de ativistas com conhecimentos e embasamento sobre o movimento que criam iniciativas para dar voz às mulheres, mas também atraindo pessoas que não detém conhecimentos prévios sobre o feminismo, sendo possível esclarecer a temática e desmistificá-la.

o uso da internet se dá como forma de tradução de termos, ideias e lutas, apostando na eficácia dessa atuação sem considerar os feminismos como consequência de uma consciência prévia e com a finalidade de atrair mais jovens ou ainda deixar mais claro o uso de determinados conceitos, temas e/ou “palavras de ordem”. (FERREIRA, 2015, p. 13).

O objeto de pesquisa deste trabalho, o meme Bela, Recatada e do Lar, é um exemplo de uma movimentação feminista em rede utilizada por mulheres comuns, que não necessariamente são conhecedoras da causa e/ou ativistas de rua, mas tornaram-se ativistas na internet por um momento: posicionando-se contra o pensamento machista explícito na reportagem da Revista Veja. Dessa forma, feministas “ativistas de oportunidade”, junto com outras que já eram adeptas ao movimento, juntaram-se em prol da causa, fortificando-a e passando um recado para ainda mais mulheres conhecerem e compreenderem a luta e o movimento.

Esse tipo de conteúdo e aglomeração comunicacional de mulheres em prol da causa não necessariamente tem uma liderança ou segue sempre as mesmas regras de disseminação; assim, transforma-se em um tipo de corpos-multidão que agem pela lógica da comunicação em rede. Nesse sentido, fazem parte do que Recuero (2012, p. 121) diz ser “conversações públicas, coletivas, síncronas e assíncronas, que permeiam grupos e sistemas diferentes, migram, espalham-se e semeiam novos comportamentos”.

As redes sociais, como blogs, páginas no Facebook e no Tumblr, contas no Instagram e no Twitter e outras redes sociais, tornaram-se um espaço facilitador para a divulgação do movimento, conversas sobre casos de machismo e trocas de experiências sobre as opressões sofridas devido ao gênero. Além disso, outras discussões são comuns, estabelecendo não só um diário pessoal, mas também uma zona para debates, manifestações e reivindicações, tornando-se assim mecanismos importantes para a mobilização política dentro e fora delas.

As estratégias de comunicação a partir de blogs estão ligadas a sua apropriação como diários pessoais, espaços de expressão pessoal, plataformas para publicação de relatos, de experiências ou pensamentos dos autores. Nesse sentido, blogueiras feministas pode ser pensado como um artefato cultural (Shah, 2005) que revela apropriações de recursos tecnológicos a partir de experiências sociais concretas de sujeitos que produzem o repertório de tais artefatos, caracterizados por serem mutáveis e gerarem auto referências e narrativas que se definem mutuamente, mais do que criam uma narrativa mestra linear (Shah, 2005) na produção e propagação de ideários e convenções feministas produzidos nessas redes digitais. (FERREIRA, 2015, p. 16)

No Brasil, as manifestações de 2013, que levaram mais de 1 milhão de pessoas para as ruas com a *hashtag* #VemPraRua, foram um passo marcante para o feminismo ganhar voz e terreno nessa nova geração política que une rede e rua. Foi então que o uso das *hashtags* tornou-

se forte aliada do movimento para ajudar nos protestos, tornando-se um “microfone-humano” (BOGADO, 2018), sendo eleita como a principal ferramenta política do feminismo (COSTA, 2018). Com essa estratégia, as experiências pessoais tornam-se públicas e disseminadas através de seu compartilhamento, como no caso do #PrimeiroAssédio, no qual mulheres compartilhavam, através da *hashtag*, sua primeira experiência de assédio no Twitter e levantavam a importância de ir contra a cultura machista. Uma nova dinâmica de disseminação de experiências com o machismo traz diversas mulheres falando de suas vivências, validando o feminismo e a luta contra o assédio, por exemplo.

Trata-se de uma dinâmica peculiar de fala e escuta com consequências visíveis. Uma delas é simplesmente a experiência de ter aquilo que era tabu, secreto, ou mesmo motivo de culpa ou vergonha exposto a todos. Enquanto na Marcha das Vadias os corpos ganharam destaque, agora são as vozes que expõe publicamente as vivências mais íntimas. O corpo ganha palavra e a palavra, corpo. (BOGADO, 2018, p. 36)

As *hashtags* formam um aglomerado de vozes em busca de um mesmo objetivo, de forma horizontal, nas quais o foco não é quem fala ou quem a cria, mas sim o que fala – ou seja, a mensagem repassada. No caso da *hashtag* #BelaRecatadaEDoLar”, sabe-se que começou no Twitter, mas não quem foi sua criadora; ainda assim, disseminou-se e foi usada por diversas mulheres do país com o mesmo objetivo: desvalidar a mensagem feminina apresentada na reportagem da Revista Veja e trazer a mensagem da mulher sendo quem ela quiser, dentro ou fora dos padrões.

As campanhas com *hashtags* geraram grande repercussão na Quarta Onda, sendo uma ferramenta de extrema importância para a disseminação do movimento. Entre elas podemos citar algumas importantes, como: #MeToo, #MeuAmigoSecreto, #NãoMereçoSerEstuprada #PeloFimDaCulturaDoEstupro, #EuEmpregadaDoméstica, entre outras, validando essa onda como um movimento jovem e conectado. Apesar disto, também recebeu críticas, sendo chamado de “ativismo de sofá”, ao definir que o movimento teve ação apenas *on-line*, invalidando a importância da mobilização e revolução causada.

O novo formato de microfone-humano no formato de *hashtags* ou de depoimentos em blogs e páginas de outras redes tem como característica partir de experiências pessoais e reflete na empatia de muitas mulheres sobre esse “eu”, tornando-se “nós”. Um fruto desse “nós” foi o bordão feminista “mexeu com uma, mexeu com todas”. Além disso, é uma experiência horizontal, na qual as mulheres que fazem parte tem para si que uma experiência de opressão sofrida, independentemente da posição social, poderia acontecer com qualquer outra; dessa forma, as diferenças criam laços e aproximam as mulheres, tendo como pauta um problema

comum: o machismo. Desta forma, podemos dizer que “a rede potencializou uma estratégia feminista histórica, que se baseia na força agregadora do privado e das narrativas pessoais” (COSTA; HOLANDA, 2018, p. 60). Assim, vivências pessoais tornam-se públicas e afetam o outro. Costa (2018) ainda traz observações de Clara Browne, uma das criadoras da revista *on-line* Capitolina sobre essa nova lógica de comunicação do movimento:

Parte do segredo do alcance das campanhas on-line se deve ao fato de que os debates estão comumente relacionados a narrativas pessoais, recuperando com força a ideia de que o pessoal é político. No entanto, é também manifesto que experiências diferentes podem vir de opressões diferentes, atentando para a interseccionalidade das opressões. Assim, surge a necessidade de empatia, o movimento de se colocar no lugar do outro [...] A ideia é, então, entender a igualdade pela diferença e, dessa maneira, criar uma nova forma de se compreender o conceito e a prática de uma união que inclui e reconhece sua heterogeneidade. (COSTA, 2018, p. 46-47)

### **3.5.1 O corpo como ferramenta política**

O uso do corpo como ferramenta política e performática não é uma novidade nem uma exclusividade da Quarta Onda Feminista. O corpo feminino é utilizado como ferramenta comunicativa há muito tempo nas artes: o nu, o erotismo, o grotesco, entre outros, foram e são usados em esculturas, pinturas e outras manifestações artísticas que buscam expressar-se através dele. Para Carlson (2009, p. 191-192), a utilização do corpo feminino como ferramenta comunicacional e política não é obra do acaso, mas faz-se uso dele para tentar desmistificar a narrativa social patriarcal de mulher como ser objetificado: “A utilização do corpo na performance pode, assim, fornecer uma alternativa para a própria ordem simbólica da linguagem que, segundo muitas teóricas feministas afirmam, não fornece abertura para a representação da mulher”.

Nesse sentido, a repressão do corpo feminino na cultura ocidental acontece através de práticas, ideologias e discursos que o dominam e definem. Por isso, usá-lo como forma de contrariar e desordenar essa posição pode desafiar a ordem estabelecida e mantê-lo em lugar privilegiado para gerar subversão e intervenção política.

É preciso considerar ainda que usar o corpo subversivo para desconstruir um pensamento machista pode ser perigoso, já que esse olhar masculino ainda é dominante e culturalmente disseminado, além de que tal posição pode passar a imagem inversa, mantendo o pensamento que está sendo posto em xeque. Wolff (2011, p. 102-103) traz este levantamento problemático do uso do corpo afirmando que:



A lição (pelo menos uma delas) é que é problemático usar o corpo feminino para fins feministas. Os seus significados pré-existent, como objecto sexual, como objecto do olhar masculino, podem sempre prevalecer e reapropriar -se do corpo, apesar das intenções da própria mulher.

No que diz respeito à Quarta Onda Feminista, o uso do corpo como ferramenta política pode ser amplamente visto a partir de 2010, quando ganha força a Marcha das Vadias, criada em Toronto, Canadá, em 2011 e ocorreu quando um policial afirmou, após uma série de estupros na Universidade de York, que as mulheres haviam sido violentadas por estarem usando roupas de “vadias”. Esse acontecimento levou aos protestos que rodaram o mundo a favor da luta feminista e que acontecem anualmente com uma mensagem principal: a autonomia da mulher sobre o próprio corpo.

Nesse momento, a luta emancipatória das mulheres se expande: além de buscar ir contra a violência de gênero, a favor da legalização do aborto ou na busca pela garantia dos direitos femininos, o movimento também atua contra os padrões opressores da sociedade e da mídia, colocando em seus corpos suas decisões sobre eles.

As mulheres, querendo embora preservar (transformando-as) as relações de sedução com os homens, rejeitam vigorosamente as imagens delas próprias que os meios de comunicação – e sobretudo a publicidade – lançam sobre elas. Esta rejeição foi muito bem formulada por um dos grupos de mulheres com quem trabalhamos: as mulheres que a publicidade exhibe, disseram-nos elas, não são reais. Nossas pernas e nossas mãos não são como as delas. A publicidade inventou uma imagem da mulher e nós, por nossa vez, somos privadas de nossa imagem. Se nos olhamos num espelho, não vemos senão o rosto e a imagem que a publicidade colocou em nós, fazendo desaparecer nosso corpo real. (TOURAINÉ, 2011, p. 232)

O movimento buscou reivindicar a imagem imposta pela mídia da mulher como objeto sexual e de desejo masculino ou como seres angelicais do âmbito privado, que buscam exclusivamente dedicar-se ao lar, aos filhos e aos cuidados estéticos.

O movimento das mulheres leva esta evolução a seu termo: as mulheres se definem, para além da pertença nacional, social ou cultural, por seu gênero, enquanto seres sexuados e, mais importante ainda, como seres submetidos a uma dominação exercida sobre todo seu ser – e particularmente sobre seu corpo. (...) passou-se a uma luta das mulheres na qual está em jogo o controle de si mesmas e a defesa de direitos relacionados com todos os domínios de suas condutas. (TOURAINÉ, 2011, p. 232)

Neste novo momento das mulheres e do feminismo, elas lutam para decidirem como querem ser e como desejam ser representadas, com identidades plurais, sem o padrão ideal que é característico do patriarcado opressor.

Existe uma convergência evidente entre esta evocação do novo papel criativo das mulheres e o desejo das feministas radicais de acabar com toda imagem “ideal” da mulher, desejo que leva em consideração aquilo que o feminismo afirma há muito tempo, a saber, que tudo aquilo que define a mulher diz respeito a uma dominação. Com efeito, só é possível pensar esta nova figura da mulher se renunciarmos a toda representação real da “mulher ideal”. Vemos assim, pelo contrário, as mulheres afastando-se das definições que delas são dadas e procurando construir um sujeito-mulher ao qual elas nunca correspondem, como tampouco os homens reais não correspondem ao ideal masculino de uma sociedade. (TOURAINÉ, 2011, p. 223)

Um exemplo dessa nova convergência colocada por Touraine (2011) é a frase “Meu corpo, minhas regras”, bordão feminista popularizado pela Marcha das Vadias, que resume essa nova fase na qual as mulheres decidem como querem se vestir, se comportar e ser esteticamente, sem seguir padrões ou imposições de gênero de qualquer espécie. Além disso, aborda questões como o aborto, humanização do parto, assédio e exposição do corpo feminino.

O corpo tem um importante e duplo papel na marcha: é objeto de reivindicação (autonomia das mulheres sobre seus corpos) e é também o principal instrumento de protesto, suporte de comunicação. É um corpo-bandeira. [...] Palavras de ordem são escritas em seus corpos, como “meu corpo, minhas regras”, “meu corpo não é um convite”, “puta livre”, “útero laico”, “sem padrão”. (GOMES; SORJ, 2014, p. 437).

Figura 6 – Meu Corpo, Minhas Regras



Fonte: G1 (2014)<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> G1 SÃO PAULO. “Manifestantes realizam 'Marcha das Vadias' em São Paulo”. **G1**. Publicado em: 24 mai. 2014. Disponível em: <<https://glo.bo/3jZ6rRs>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

O corpo transformou-se em um corpo político e virou ferramenta de manifestação dentro dessa nova perspectiva. Sobre isso, Bentes (2015, p. 43-44) traz o seguinte levantamento:

Destaco a emergência de novas linguagens nesses movimentos urbanos: as mulheres da Marcha das Vadias exibindo seus seios e corpos pintados, reivindicando direitos e liberdade, ou as bicicletadas, com os manifestantes pedalando nus pelas avenidas e ruas de São Paulo e enfatizando a relação do corpo com seu transporte e fazendo do corpo outdoors contra as mortes dos ciclistas numa cultura dominada por automóveis. Ou ainda os corpos em risco e confronto dos Black Bloc. Ou seja, falamos de uma reinserção do corpo e dos corpos nas manifestações. Estamos nesse momento intenso de potencialização política e da emergência de novos discursos e atores que usam as redes sociais e se organizam conectando as redes digitais com os territórios e os corpos.

Em uma nova perspectiva política de manifestações, atores misturam a rede, a rua e o corpo em novos discursos através de ferramentas *on* e *off-line*, como cartazes nas ruas, memes e *hashtags* na internet, que criam “uma transversalidade e complementaridade desses movimentos e discursos” (BENTES, 2015, p. 44). Nesse momento, demandas variadas, privadas e de caráter público se misturam e se unem a favor da mobilização de novas narrativas políticas.

Mais do que apenas reivindicar, nesse tipo de marcha e manifestação está em jogo a subversão pública e coletiva dos padrões normativos. Os corpos saem do padrão estético feminino, apresentando nudez de corpos de todos os tipos, mulheres não depiladas e a afirmação do desejo de liberdade da mulher e da sexualidade como um todo. Gomes e Sorj (2014, p. 438) abordam isso como:

Ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescinda de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo. Assim, nas marchas, a sensualidade dos corpos é celebrada; os padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos; a menstruação é positivamente assumida. A nudez, importante instrumento de impacto nas marchas, parece condensar a um só tempo a capacidade de criticar as normas de gênero e de expressar este modo subjetivo de “libertação” do corpo.

Com o uso do corpo-bandeira, do corpo performático, o estético torna-se político, mas não apenas um corpo, e sim a junção de vários corpos feministas que buscam repassar uma mensagem de autonomia sobre si. Já que “não há nada mais absurdo para o patriarcado do que o direito ao corpo” (TIBURI, 2018, p. 37), tomá-lo de volta torna-se uma ferramenta de dignidade para as mulheres e de subversão da ordem desse patriarcado.

A performance é uma ativação do corpo para o despertar de um novo olhar. O corpo da mulher feminista ao performar torna-se “plataforma de expressão – eficaz também pela maneira como exhibe agressivamente os muitos sentidos que ganhou enquanto principal objeto de submissão e abuso masculinos” (KUHNERT, 2018, p. 76)

O corpo feminista performático, seja na arte, no teatro ou na internet, perpassa as barreiras do corpo biológico, social e feminino; é um corpo que não se fixa em identidades, molduras ou padrões previamente construídos para o local da mulher na sociedade patriarcal. Kuhnert (2018, p. 85) traz uma passagem de Roberta Barros, pós-doutora no estudo de arte e gênero, que diz que: “A busca por esse corpo feminista é uma experimentação de desraizamento como deslizamento, desencontros com o próprio corpo biológico. A performance permite que o corpo deslize por identidades, representações e estereótipos distintos”.

O meme imagético Bela, Recatada e do Lar fez uso do corpo político e performático para descaracterizar a visão machista da mulher colocada na Revista Veja. O meme trouxe imagens de mulheres que usaram o corpo de forma particular e emancipatória. Esse corpo feminista performático em ação busca um ato político contra estereótipos e contra padrões estéticos e de comportamento pré-estabelecidos pela sociedade patriarcal na qual vivemos.

Figura 7 – O uso do corpo no meme Bela, Recatada e do Lar



Fonte: Tumblr “Bela, Recatada e do Lar”.

A repressão do corpo feminino na cultura ocidental acontece através de práticas, ideologias e discursos que o dominam e definem. Por isso, usá-lo como forma de contrariar e

desordenar essa posição pode desafiar a ordem estabelecida e mantê-lo em lugar privilegiado para gerar subversão e intervenção política.

A utilização do corpo como uma ferramenta de comunicação, seja na arte, nas ruas ou através de memes na internet, indica um corpo crítico transformado em corpo-político, ou como Barbara Kruger<sup>7</sup> diz em seus trabalhos, o “corpo como campo de batalha”: aquele que busca representatividade na sua diversidade de ser e liberdade na sua forma de agir.

As mulheres que fizeram uso do meme com fotos que contradizem a reportagem original fazem uso de imagens que usam o corpo transformando-o em um poderoso artefato político e de manifestação, realizando uma transgressão e transformando-o em ferramenta subversiva pela busca de conscientização e mobilização em torno de causas feministas e de igualdade de gênero.

---

<sup>7</sup> As composições de Barbara Kruger (1945-), Artista norte-americana, em sua maioria apropriam-se de imagens fotográficas (geralmente retiradas de comerciais de revistas e jornais) em preto e branco e da sobreposição de textos de linguagem simples e direta, mas cuja mensagem subverte o sentido inicial da imagem.

## 4 O “MEME BELA, RECATADA E DO LAR” E A MUDIATIZAÇÃO DO FEMINISMO

Para pensar, estudar e analisar os memes da internet como um novo fenômeno comunicacional, faz-se necessário entender o que há por trás da lógica dessa ferramenta e ir mais a fundo nas suas características.

Antes da internet, o termo “meme” era usado para definir modas, costumes e características culturais. Os memes da internet apropriam-se desse fundamento com algumas alterações do ciberespaço. Por isso, neste capítulo vamos explorar e apresentar as definições e usos do meme, seu cruzamento com ações midiatisadas, política e feminismo e as construções de sentido e práticas possíveis dessa junção.

### 4.1 OS MEMES DA INTERNET COMO NOVA FERRAMENTA COMUNICACIONAL

A origem epistemológica e primeira definição da terminologia do meme nasceu em 1970, através dos estudos do biólogo Richard Dawkins, na obra *O gene egoísta*. O autor tenta explicar como alguns costumes culturais perpassam gerações, nomeando este fenômeno como “gene da cultura”, tentando identificar como certas características permaneciam presentes ao longo do tempo e como outras não conseguiam se difundir através de gerações. Ele parte da perspectiva que uma unidade cultural que, dentro de determinado ambiente, adquire novas características e pode sofrer mutações e adaptações em função de aspectos sociais e culturais desenvolvidos através de sua apropriação em determinado cenário. Dawkins (1976) faz uma analogia do gene biológico para tentar explicar um fenômeno cultural, considerando que ambos passam por uma seleção natural capaz de passar adiante alguns hábitos através do cérebro dos indivíduos. Esse elemento replicador de uma transmissão cultural, que tem como forte característica a imitação, e é o que ele chama de meme:

Exemplos de memes são melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Tal como os genes se propagam no pool gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no pool de memes saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação. (DAWKINS, 1976, p. 4259)

Dawkins (1976) caracteriza a evolução dos memes em três elementos: mutação, seleção natural e hereditariedade. A mutação é a capacidade do meme de sofrer pequenas alterações ao ser repassado adiante pelos indivíduos, podendo gerar mudanças mais significativas com o

passar do tempo. A seleção natural é a capacidade que alguns memes têm de chamar mais a atenção que outros, com mais força, visibilidade e mantendo-se mais tempo ativos e sendo replicado do que outros. Por último está a hereditariedade, que é a capacidade do meme se manter presente e perdurar ao longo do tempo, mesmo que com variações e recombinações.

Considerando essas características, em uma narrativa comparativa a da teoria da evolução, Recuero (2009) traz mais quatro definições para considerar a sobrevivência dos memes no meio: a longevidade, sendo ela a capacidade que o meme tem de perdurar no tempo; a fecundidade, que é a sua capacidade de gerar cópias; a fidelidade, que é a capacidade de gerar cópias mais semelhantes ao meme original; e o alcance, o qual é a capacidade dele se alastrar pelas redes sociais com mais facilidade, atingindo mais pessoas.

Esse conceito de meme possui uma grande flexibilidade de interpretações e estudos, permitindo que ele fosse usado em outros campos, como o da Filosofia e Linguística, além do campo da comunicação, adaptando-o para os memes da internet. No ambiente cibernético o meme é tido como o espalhamento de forma repetida de figuras ou frases gerando piadas, boatos, entre outros, que são propagadas viralmente, remixadas e reapropriadas a novos contextos.

Um atributo central dos memes de internet é a produção de diferentes versões a partir de um objeto inicial, versões essas que são criadas pelos usuários e articuladas como paródias, remixes ou mashups. Estruturadas com interfaces cognitivas flexíveis, plásticas e adaptáveis, algumas plataformas multimidiáticas como redes sociais específicas contribuem para o processo criativo pautado na instantaneidade e característico da cultura participativa, revelando novas possibilidades de produção de sentido e memória coletiva na rede. (INOCÊNCIO; LOPES, 2014, p. 355)

Blackmore (2000) compartilha do mesmo pensamento sobre os memes, e ainda expande o pensamento de Dawkins (1976) ao abordar que a disseminação dos memes favorece o desenvolvimento do cérebro humano; ainda, afirma que todos os seres humanos são “máquinas de memes”, já que, para ela, meme é tudo aquilo que se aprende de outra pessoa através da imitação:

Quando você imita alguém, algo é passado adiante. Esse “algo” pode então ser passado adiante de novo, e de novo, e assim ganha uma vida própria. Nós podemos chamar essa coisa uma idéia, uma instrução, um comportamento, um pedaço de informação... mas se nós vamos estudá-la nós precisamos dar a ela um nome. (BLACKMORE 2000, p. 6.)

Embora tratem de temáticas distintas e diferem em sua “substância”, como relata Blackmore (2000), o meme de Dawkins (1976) e os memes da internet tem sua principal característica em comum: ambos são replicadores.

A qualificação dos memes vai ganhando novas perspectivas e releituras à medida que outros autores se apropriam da teoria de Dawkins (1976) e principalmente quando pensamos em memes da internet, os quais tem algumas características favorecidas como: fidelidade à cópia, facilitação na propagação e longevidade, entre outros. Dessa forma, sobre os memes da internet, Inocêncio (2015, p. 3) diz que “eles são, assim, nada mais que uma evolução digital de longas tradições de brincadeiras, humor subversivo, piadas internas e bordões que sempre permearam o imaginário popular”.

Apesar do meio cibernético favorecer os memes, para que eles aconteçam e possam se replicar, é preciso que existam pessoas que produzam tal ação, e é através dessa interação que os indivíduos são impactados. Os laços fortes e fracos<sup>8</sup> (GRANOVETTER, 1973) criados pelas redes sociais, que dependem da interação entre indivíduos, contribuirão para que se construa um ambiente fértil e propício para a propagação dos memes.

É preciso estar atento de que essas leituras trazem os indivíduos como condutores dos memes e não como atores no processo de criação, replicação e disseminação deles. Shifman (2013, p. 366, tradução nossa) discorda dessa visão ao mostrar a disseminação de memes como “baseada em agentes dotados de intencionalidade com poderes de tomada de decisão” visto que “normas sociais, percepções e preferências são cruciais nos processos de seleção memética”. Ou seja, os memes são elaborados e espalhados de acordo com o repertório cultural dos indivíduos, suas crenças sociais, políticas, de classe, entre outros.

Hoje, a terminologia inicial dos memes é protagonizada e voltada quase que exclusivamente aos memes da internet dentro do contexto midiaticizado e os ambientes que são prioritariamente movidos pela interação de indivíduos são faíscas em fogo para acender a chama do comportamento memético. Shifman (2013) diz que esse comportamento não é novo, mas que ganha novos escopos e visibilidade maximizada no ambiente digital contemporâneo. A autora afirma ainda que as cópias se tornam mais importante que o original, sendo a “razão de ser” da comunicação digital.

---

<sup>8</sup> Granovetter (1973) divide os laços sociais entre: fortes, fracos e ausentes. Quanto maior o vínculo emocional entre os indivíduos, maior a força do laço. Para o autor, quanto maior a força do laço entre duas pessoas, ou seja, quanto mais estreita a relação, maior a chance de que o círculo de amigos seja comum e que a mensagem não ultrapasse essa esfera, ficando apenas restrito a ele e, dessa forma, não atinge outros círculos de relacionamentos.



O potencial dos memes está justamente em conseguirem um espalhamento macro, atingindo um nível grande de pessoas através de compartilhamentos micros – de indivíduo para indivíduo. É essa característica que gera atenção para eles, sendo necessário ter um olhar de análise menos banal sobre os memes, entendendo-os como objetos passíveis de estudos aprofundados. Embora sejam criados e consolidados de forma informal, demonstram a estrutura social vivida na era da midiatização, o que Shifman (2013) chama de “folclore pós-moderno”: eles deixam de ser apenas brincadeiras ou piadas e inserem-se no cenário de uma cultura *on-line* participativa e compartilhada que é capaz de consolidar críticas e pensamentos políticos, desde ideias pós-feministas sobre as diferenças de gênero ou até mesmo sobre estereótipos e discriminações raciais. “Os memes políticos têm a ver com marcar uma posição – participando de um debate normativo sobre como o mundo deveria parecer e a melhor maneira de chegar lá” (SHIFMAN, 2013, p. 120).

Uma característica dos memes é também uma das mais fortes na cultura digital: a efemeridade. Eles podem desaparecer com a mesma volatilidade com que surgem, mas, nesse curto espaço de tempo, podem trazer, junto com o humor, discussões relevantes para a sociedade. Contudo, em contraponto, precisamos considerar que esse tipo de abordagem política pode causar uma superficialização da temática, abordando-a dentro de uma perspectiva de laços fortes, na qual se compartilha apenas dentro de uma bolha com mesma visão ideológica.

Ainda assim, consideramos que esses memes políticos trazem consigo uma oportunidade relevante de gerar engajamento em pessoas que inicialmente não se interessam pela forma tradicional de se discutir essa temática. Esse tipo de meme quebra barreiras e estigmas com temáticas vistas como formais, trazendo questões à tona com humor, ironia, mais leveza e facilitando a compreensão do assunto.

#### 4.2 DE ARTEFATOS DO RISÍVEL PARA ARTEFATOS POLÍTICOS

A conexão em rede tornou-se um terreno fértil para a circulação de memes em suas diversas formas e variáveis. Entre eles estão aqueles que adentram na política, trazendo à tona, de forma cômica e muitas vezes irônica e subversiva, assuntos até então de domínio das grandes mídias, como são as temáticas políticas. Os memes de ação política, aqueles que buscam fazer humor engajando-se dentro de alguma perspectiva de luta, opinião ou debate sobre temas, tanto de política eleitoral quanto de políticas de lutas, já são alvo de estudos e aprofundamentos que demonstram sua importância na reconfiguração de comunicação da sociedade midiatizada,

tornando-se ferramentas poderosas de discussão e disseminação de temáticas até então restringidas a debates profundos, institucionalizados e limitados a certos públicos. Sobre essa nova ferramenta, Chagas (2016, p. 10) os define como:

De modo abrangente, os memes políticos como fórmulas discursivas ou artefatos culturais que, a partir de uma interação com seus congêneres, e através de um processo de circulação em diferentes redes sociais, são capazes de despertar ou demonstrar o engajamento político do sujeito ou ainda socializá-lo com o debate público, através de uma linguagem metafórica e orientada à construção de um enredo ou enquadramento próprios, que fazem uso, muitas vezes, de referências da cultura popular.

Ao tratar de memes com ação política, Shifman (2013) os distingue em memes persuasivos, de discussão pública e de ação popular. Os memes persuasivos são aqueles que buscam o convencimento; já os de discussão pública misturam um humor cheio de sátiras e referências intertextuais. Por fim, os memes de ação popular são caracterizados por uma ação popular coletiva, ou seja, quando um grupo de pessoas seguem um padrão de comportamento em busca de um mesmo objetivo. Neste gráfico do Museu dos Memes<sup>9</sup> podemos entender melhor a interseção entre esses três tipos de memes políticos e como eles se complementam e/ou misturam:

Figura 8 –Ponto de interseção entre memes políticos

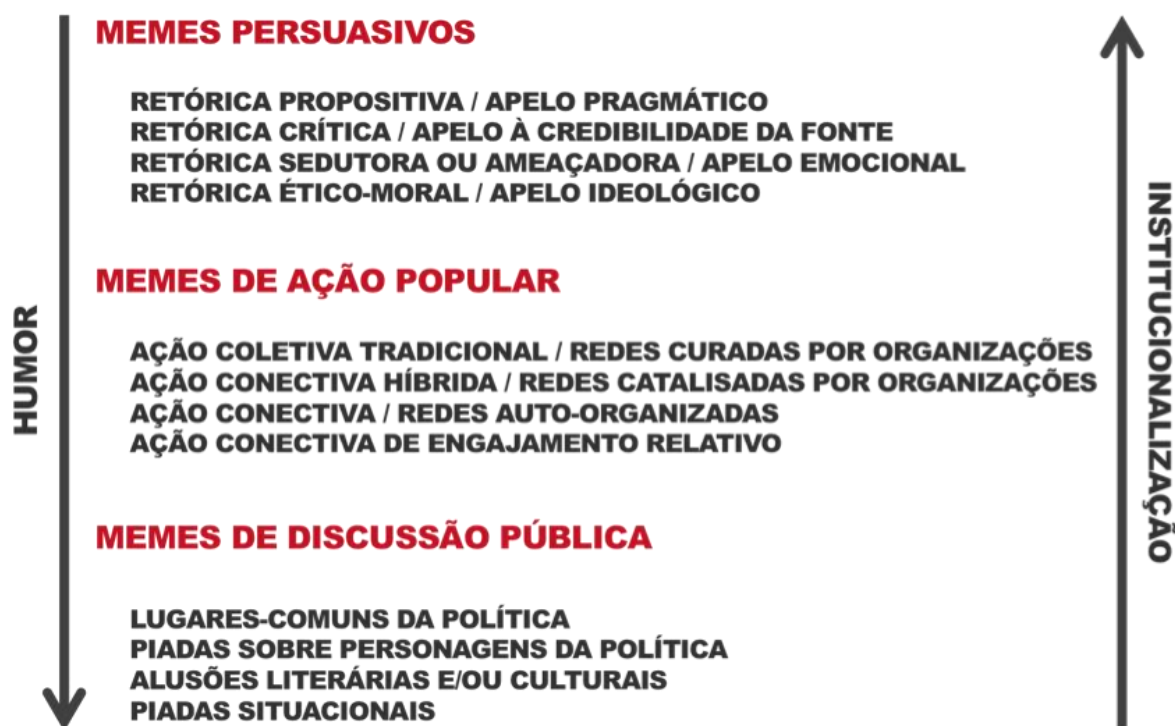


Fonte: Museu dos Memes (2016).

<sup>9</sup> MUSEU DOS MEMES. “Memes, engajamento político e ação coletiva, ou Por que o “vomitaço” importa?”. **Museu dos Memes**. Publicado em: 04 jul. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/32d9SxT>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

Ainda sobre essas três categorizações de memes, é preciso considerar o grau de atividade coletiva e o grau de institucionalização destes. Cada um deles tende a obter mais ou menos características de humor, sendo o meme de persuasão com ações mais institucionalizadas e os de discussão política tendo maiores características humorísticas, como podemos ver na figura abaixo.

Figura 9 – Características dos memes políticos



Fonte: Museu dos Memes (2016).

Sobre os memes de ação popular, aquele central na nossa pesquisa e que terá maior destaque e abordagem neste trabalho, Chagas (*apud* MUSEU DOS MEMES, 2016) entende-os como sendo aqueles que geram uma ação seguida de expressões coletivas e conectadas entre si. Para o autor, esse tipo de meme se desenvolve a partir de quatro tipos de ações:

(a) ações coletivas operando através de redes curadas por organizações, de (b) ações conectivas híbridas operando através de redes catalisadas por organizações e movimentos sociais, de (c) ações conectivas *stricto sensu*, operando a partir de redes auto-organizadas e auto-gestadas, e finalmente de (d) ações conectivas de engajamento relativo, cujo principal traço é a dificuldade em se identificar efetivo engajamento político na ação empreendida. (CHAGAS *apud* MUSEU DOS MEMES, 2016, *on-line*)

Nessa perspectiva, o meme “Bela, Recatada e do Lar” pode ser encaixado principalmente como um meme de ações conectivas híbridas, já que começou com uma *hashtag*, espalhando-se e sendo utilizado pelo movimento feminista para reivindicar a posição da Revista Veja, mas também com ações conectivas *stricto sensu* quando nos referimos ao Tumblr criado e gerido por uma administradora que controlava e filtrava antes de publicar as imagens submetidas à página.

Caracterizar o objeto de estudo “Bela, Recatada e do Lar”, o qual começou como uma *hashtag*<sup>10</sup>, tornou-se bordão e virou parte do movimento feminista contra a visão androcêntrica da mulher como um meme, é oportuno, uma vez que, além de ser muito reproduzido, essa tríade foi apropriada e ressignificada por diversos usuários com relatos e imagens pessoais aderindo ao protesto contra a Revista Veja. O meme “Bela, Recatada e do Lar”, com seu toque cômico e subversivo, ocupa uma posição na mídia *on-line* que o faz capaz de propagar uma mensagem do movimento feminista na tentativa de levantar uma bandeira, convencer e ainda incentivar mais pessoas a conhecerem a discussão, mesmo que de forma rasa, sobre essa luta.

É possível ver hoje, com os memes da internet, que uma simples imagem com (ou às vezes sem) texto torna-se uma ferramenta poderosa para gerar uma repercussão em massa sobre uma temática política relevante, gerando um posicionamento, seja ele a favor ou contra, mas que não passa despercebido (RECUERO, 2014)

Essa criação, disseminação e repercussão de movimentos sociais através de imagens pode não ser uma exclusividade da comunicação em rede, mas não podemos negar que ganhou mais força ao acelerar e multiplicar o processo de criação, apropriação e transformação desses conteúdos, deixando de lado, através do meme, o conceito único de imagem para transformar-se no conceito de uma ideia: “É o poder da memecracia. A força criativa do ARTivismo digital para o ACTivismo social (GUTIERREZ-RUBÍ, 2014, p. 34, tradução nossa).

O feminismo é um dos movimentos que vêm se apropriando com frequência dos memes como ferramenta ativista para laçar e disseminar seus ideais e defender seus posicionamentos, atingindo milhares de pessoas em todo o mundo através do espalhamento. Tal ativismo busca, principalmente, reivindicar o papel da mulher na sociedade, o patriarcado, a mulher na esfera pública X privada, usando memes em suas diversas variações: imagéticos, gifs, de vídeo, *hashtags*, entre outros.

---

<sup>10</sup> Essa ferramenta surgiu na internet e tem como principal característica iniciar com o caractere # (jogo da velha). São usados para rotular ou definir alguma temática em pauta, principalmente nas redes sociais, como Twitter e Instagram.

Assim, podemos dizer que admitir o meme como um importante elemento político em uma nova forma de se fazer e consumir mídia é de extrema importância para entender que, em uma nova sociedade, a sociedade midiaticizada, a interface entre a cultura e a política toma novas vertentes e está atrelada não só à política eleitoral, mas cada vez mais é sobre trocas interpessoais na rede, seus desdobramentos, discussões e consequências. Fazer política também é atentar-se e considerar demandas de minorias que buscam representatividade: é trazer à tona assuntos privados para a esfera pública e articular movimentos em cima disso. Assim, por exemplo, é o ciberfeminismo, que cada vez mais traz os memes como ferramenta para disseminar o movimento e colocar discussões sobre ele em pauta.

#### 4.3 O MEME BELA, RECATADA E DO LAR

Era abril de 2016, no auge do processo de Impeachment de Dilma Rousseff, primeira mulher presidente do Brasil – ou presidenta, como costumavam falar –, quando a versão *on-line* da Revista Veja publicou uma matéria sobre a então primeira dama, esposa de Michel Temer, até pouco tempo atrás vice-presidente, com o título “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”. Essa reportagem falava sobre a primeira-dama, colocando-a como “mulher ideal” por estar inserida dentro do cenário de espaço doméstico privado, como mãe e esposa, apropriando-se dos adjetivos “bela, recatada e do lar” na manchete.

Essa visão do papel da mulher remete às narrativas machistas e patriarcais de “mulher ideal” e foi amplamente criticada por muitos internautas que se apropriaram dessa tríade de adjetivos para criar a *hashtag* memetizada #BelaRecatadaedoLar através de uma reconstrução da narrativa, usando a ironia para retrucar a posição da revista. A *hashtag* #BelaRecatadaEDoLar nasceu no Twitter e se espalhou por outras redes sociais como Facebook, Tumblr e Instagram, com milhares de menções. Além disso, foram criados blogs e páginas em redes sociais com a temática da matéria, transformando-a em um meme com viés feminista replicado por mulheres de todo o país, questionando e reivindicando a imagem feminina apresentada pela reportagem da Revista Veja.

Abordar o contexto político no qual o país se encontrava quando a reportagem foi publicada é relevante para entender que a matéria não buscou apenas exaltar Marcela Temer pelo seu papel de mulher ideal dentro do conceito sexista, mas também porque, indiretamente, trazia um afastamento da mulher em uma posição de poder – aquela vivida por Dilma Rousseff.

Ao adjetivar Marcela Temer como “bela, recatada e do lar”, identificando tais aspectos como qualidades a serem vangloriadas em uma mulher, a Revista Veja indica uma imposição de gênero e posiciona a visão feminina biológica e relativa ao espaço privado de dona de casa, mãe e reprodutora. Esta tríade de adjetivos nos leva à construção e exaltação de uma mulher estereotipada, pertencente ao imaginário masculino, na qual a beleza física, a pureza, a inocência e a dedicação exclusiva ao lar são atributos relevantes para que seja considerada “perfeita”. Isto é defendido na reportagem em alguns trechos, como:

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). [...] Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele). (LINHARES, 2016, s/p)

Em outros fragmentos da reportagem, podem-se enxergar também os atributos físicos considerados “belos” e a descrição de Marcela Temer quanto à forma de se vestir como pontos relevantes de uma mulher. A imagem de Marcela é tida seguindo padrões estéticos e características que foram critérios femininos durante muito tempo em sociedades ocidentais, seguindo um senso comum em que a beleza estética e uma posição de pureza seriam uns dos atributos mais importantes e reverenciados em uma mulher. É possível ver neste trecho:

Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros. (LINHARES, 2016, s/p)

Entre os conteúdos criados contra essa reportagem foi feito um Tumblr, o qual apresenta em seu título a mesma tríade de adjetivos usada na manchete, “Bela, Recatada e do Lar”<sup>11</sup>, e teve por objetivo desmistificar a imagem feminina imposta na matéria recebendo fotos enviadas espontaneamente por mulheres que buscavam mostrar outras visões femininas e ironizar a imagem apresentada pela Veja. A página pode ser considerada feminista e a favor da diversidade da mulher, fato explícito no texto de apresentação: “*Tudo bem ser bela, recatada e do lar. Tudo bem ser o completo oposto disso. Porque ao contrário do que a Veja gostaria de impor, as mulheres vão ser o que elas bem entenderem!*”. Logo abaixo ao trecho seguem fotos

<sup>11</sup> TUMBLR. “Bela, Recatada e do Lar”. **Tumblr**. Disponível em: <[www.belarecatadaedolar.tumblr.com](http://www.belarecatadaedolar.tumblr.com)>. Acesso em: 10 jan. 2020.

variadas em situações de deboche, desregramento ou caracterizadas como não aceitas socialmente para mulheres, ironizando o discurso inicial – imagens como de uma mulher ingerindo bebida alcóolica, mostrando o corpo, mostrando-se sexualmente livres, fazendo trabalhos tradicionalmente direcionados aos homens, entre outros.

Os memes submetidos ao Tumblr “Bela, Recatada e do Lar” utilizaram o corpo como principal ferramenta de oposição à imagem da mulher feminina apresentada pela Revista Veja, utilizando-o como instrumento subversivo, ironizando de forma performativa a tríade de adjetivos, criando “imagens de um corpo feminino que funciona como contra discurso, a partir de uma visibilidade máxima, uma estética do escândalo, que usa a sedução, o erotismo, o humor, a inversão, o choque e o consumo para desconstruir tabus, inventar novos lugares de fala” (BENTES, 2017, p. 97). Os memes dessa plataforma trazem o debate da relação da mulher no ambiente público/privado, questões de gênero e sexo, feminilidade X ser mulher através de imagens que buscam desconstruir padrões de locais de ocupação predominantemente masculinos com o uso do corpo como bandeira de luta.

Para o presente trabalho, analisamos unicamente imagens do Tumblr “Bela, Recatada e do Lar” por considerar que nele há apenas imagens enviadas espontaneamente por usuárias, apesar de mediadas por uma administradora que toma alguns cuidados para evitar que tais imagens possam ser violadas. Para escolher as imagens a serem analisadas, foram selecionadas preferencialmente aquelas que fogem dos padrões históricos e androcêntricos de comportamentos femininos X masculinos. Para isso, analisamos o conteúdo que apresenta a tríade #belarecatadaedolar escrita diretamente na foto, com imagens para compor que desmistificam o padrão de beleza feminina e que vão na contramão da estética socialmente aceitável para mulheres, sexualizando o corpo, além de algumas que saem do ambiente privado do lar para mostrar mulheres em atividades consideradas masculinas.

É possível identificar que a grande maioria dos memes desse Tumblr foram feitos por mulheres que usaram imagens de si mesmas ou de seus corpos para opor-se a matéria da Revista Veja; observa-se que poucas foram as imagens que utilizaram de outro tipo de imagem para levantar a bandeira feminista. Cada uma dessas imagens opunha-se a um ou mais adjetivos da tríade ao mesmo tempo. A Figura 10 abaixo, por exemplo, traz uma mulher em espaço predominantemente masculino, caçando sua própria comida e com vestuário entendido historicamente como de homem, para contrapor os adjetivos “Bela e do Lar”.

Figura 10 – Nem bela, nem do lar



Fonte: Tumblr "Bela, Recatada e do Lar".

Outros memes, como os das Figuras 11 e 12, trazem a subversão principalmente de um dos adjetivos, sendo na Figura 11 uma oposição ao adjetivo “Recatada” por propor a mulher como um ser sexualizado, mostrando-a recostada em um órgão genital masculino gigante; e a figura 12 opõe-se ao adjetivo “Bela”, ao mostrar uma foto de uma mulher careca, considerando que os padrões estéticos normativos impõe que as mulheres tenham cabelos grandes e apenas os homens sejam suscetíveis de rasparem a cabeça.



Figura 11 –Você disse recatada?



Fonte: Tumblr "Bela, Recatada e do Lar".

Figura 12 –Bela sim, por que não?



Fonte: Tumblr "Bela, Recatada e do Lar".

Apesar de contar com menos memes criados com imagens de terceiros, esse Tumblr trouxe também algumas imagens que criticam não só a posição machista da revista, mas também a posição política implícita nela que, nas entrelinhas, traz a mulher como sendo alguém

que deve estar fora do ambiente político e institucional ou, quando está, é alguém que foge do padrão feminino. Isso pode ser observado nas Figuras 13 e 14, as quais apresentam a ex-presidente Dilma Rousseff como protagonista do meme, subvertendo-o e mostrando uma posição alcançável pela mulher nesse âmbito.

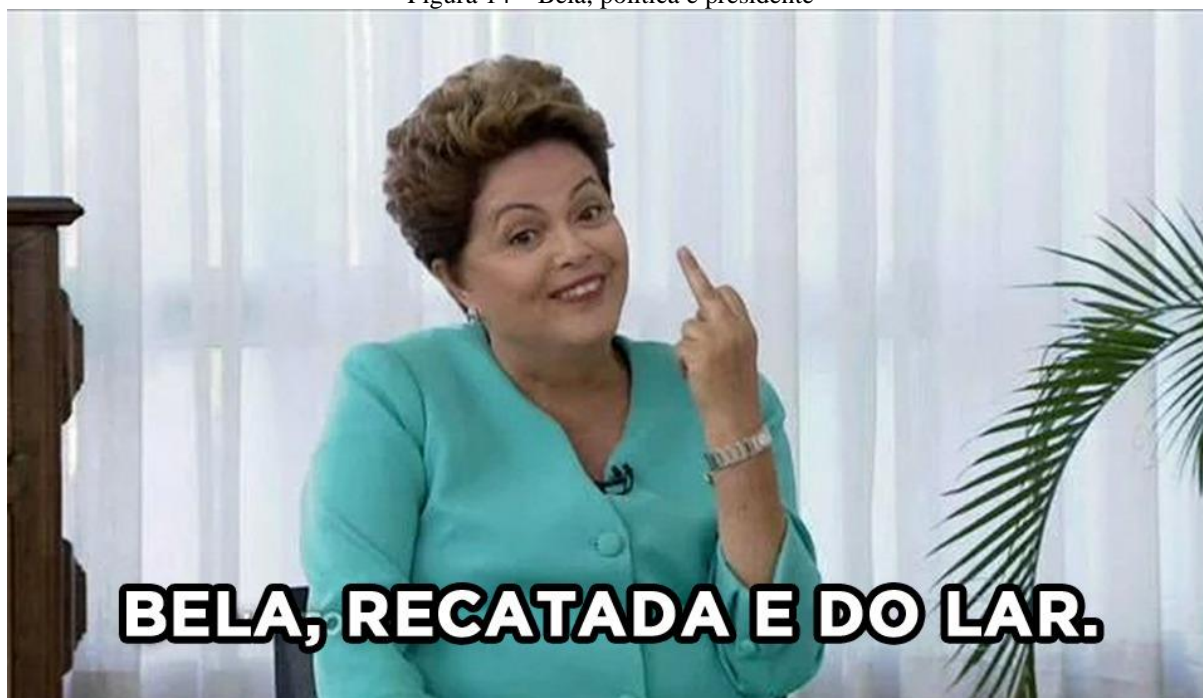
Podemos ver a ex-presidente Dilma em dois momentos diferentes. Primeiramente, em uma foto da época da ditadura militar, na qual ela militava pelo Comando de Libertação Nacional (Colina), movimento adepto da luta armada. A foto a mostra em um tribunal, período em que ela sofreu tortura e depois foi condenada à prisão por subversão da ordem. Essa imagem traz implicitamente uma mulher forte, guerreira e politizada, para opor-se à tríade que definiu a primeira dama Marcela Temer. Já a Figura 14 traz uma imagem de uma Dilma Rousseff debochada e irônica que, com um gesto do dedo do meio, indica algo como “dane-se” e deixa o recado para a matéria da Revista Veja.

Figura 13 – Bela, exilada e futura presidente



Fonte: Tumblr “Bela, Recatada e do Lar”.

Figura 14 – Bela, política e presidente



Fonte: Tumblr "Bela, Recatada e do Lar".

Em todos os formatos analisados deste meme, sejam eles subvertendo um ou mais dos adjetivos, é possível ver o corpo como uma das principais ferramentas comunicacionais utilizadas nas imagens.

Os corpos subversivos do meme "Bela, Recatada e do Lar" podem ser categorizados como corpos grotescos, já que buscam atuar de forma reacionária, ocasionando uma discussão política ao tornar visíveis os traços femininos suprimidos na matéria da *Veja*, que são um reflexo das características femininas anuladas por uma visão masculina hegemônica da mulher.

Para descaracterizar a visão da mulher por uma ótica machista, o meme fez uso do corpo como campo de batalha, usando-o de forma subversiva para desnaturalizar os padrões físicos e de comportamento da sociedade patriarcal. Enxergar imagens e atitudes estereotipadas da mulher que, na maioria das vezes, não condizem com a realidade feminina, incitou as mulheres a substituir tal visão machista disseminada pela *Revista Veja* e ter um corpo autônomo e independente, um corpo político que busca a igualdade de gênero e o reconhecimento das diferenças.



O corpo-bandeira apropria-se de características historicamente femininas para opor-se a elas e colocar um corpo grotesco, não afeminado e com características que são historicamente apropriadas aos homens, como forma de empoderamento. Gomes e Sorj (2014) abordam a temática do corpo referindo-se à Marcha das Vadias, mas trazem colocações que se encaixam no corpo do meme "Bela, Recatada e do Lar". Dentre elas, destacamos:

Pelo artifício da provocação, o corpo é usado para questionar as normas de gênero, em especial as regras de apresentação do corpo feminino no espaço público. Ao mesmo tempo, o corpo é um artefato no qual cada participante procura expressar alguma mensagem que o particulariza (GOMES; SORJ, 2014, p. 438)

No meme "Bela, Recatada e do Lar" dentro do Tumblr aqui analisado, é possível ver o corpo sendo usado de diferentes formas para subverter a mensagem da Revista Veja. Nele, é possível ver memes que usam o corpo para desvencilhar-se de um dos adjetivos da tríade ou até de mais de um ao mesmo tempo.



No quadro a seguir analisamos alguns memes do Tumblr, apresentando a foto e indicando qual dos três adjetivos da manchete "Bela, Recatada e do Lar" busca-se contestar a partir do uso do corpo em de um meme imagético com a tríade de adjetivos em questão.

Quadro 1 – Analisando os memes


<i>Meme</i>	<i>Adjetivo contestado</i>		
	<i>Bela</i>	<i>Recatada</i>	<i>Do Lar</i>
		<p>Por colocar uma mulher em posição que pode levar a uma conotação sexual, já que, no patriarcado, mulheres não podem expressar e/ou ter atitudes que demonstrem sexualidade.</p>	
	<p>Apresenta uma foto de mulher com uma máscara de cavalo, algo que contrapõe o adjetivo de beleza e delicadeza esperada na mulher.</p>		

	<p>Na imagem, a mulher em questão tem cabelos curtos e também em uma cor fora do padrão: azul, o que vai contra o que se espera e se considera "belo" em uma mulher.</p>		<p>A imagem apresenta uma mulher em local principal de fala, com um microfone. Por estar em um lugar de dominância, reivindica o papel de "do lar".</p>
	<p>Por ter o cabelo curto em um formato normalizado para homens, esta mulher subverte o adjetivo "bela".</p>	<p>Por estar bebendo, direto de uma garrafa e fugindo do que seria considerado adequado aos padrões de etiqueta historicamente colocado às mulheres, ela revida o adjetivo "recatada".</p>	<p>Por estar, aparentemente e, em uma festa, opõe-se à visão machista de que o papel da mulher é em casa, cuidando do lar e dos filhos.</p>
			<p>Esta imagem opõe-se ao adjetivo "do lar" por mostrar uma mulher trabalhando em um local com objetos pesados que fazem alusão à construção civil, local historicamente masculino.</p>



		<p>Apesar de haver uma época em que o cigarro foi normalizado entre os sexos, ainda é visto como algo que subverte a imagem delicada e recatada da mulher que deve ser comportada e submissa com traços e atitudes delicadas.</p>
		<p>Com a imagem de uma mulher em um pole dance, esporte visto por muitas pessoas com conotação sexualizada, e ainda com um corpo à mostra, a imagem busca contrapor-se à imagem de mulher recatada.</p>

	<p>Esta imagem merece uma problematização e uma análise a parte só para ela, mas como não é o foco deste trabalho falar sobre padrões de corpos, colocamos esta imagem para pontuar como corpos acima de um peso imposto socialmente não são considerados belos.</p>	<p>Também se encaixa na contestação do adjetivo "recatada" ao mostrar a mulher apenas de calcinha e sutiã e não com roupas abaixo do joelho, como a matéria insinua ser o ideal para as mulheres.</p>	
		<p>Esta foto também merece uma problematização a parte sobre o machismo e a heterossexualidade compulsória, mas neste trabalho a encaixamos como forma de retrucar o adjetivo "recatada" ao trazer duas mulheres se beijando e aparentemente se casando, o que iria contra o padrão de mulheres que devem dedicar-se ao marido e estar a serviço dos homens.</p>	

		<p>Por mostrar uma mulher expressando-se sobre a sexualidade masculina, mais precisamente sobre o órgão sexual do homem.</p>	
---	--	--	--

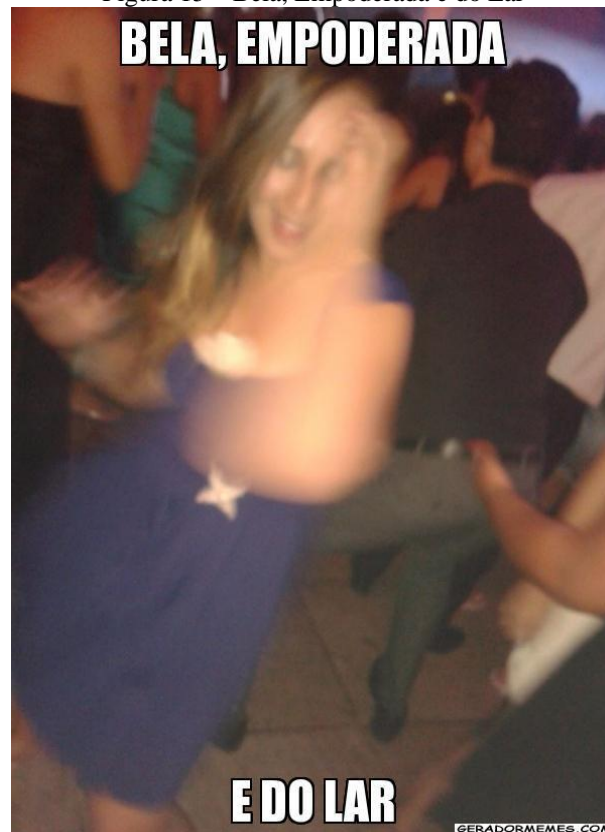
Fonte: Tumblr "Bela, Recatada e do Lar"; elaboração própria (2020).

Nesta breve análise de 10 diferentes imagens do Tumblr, podemos ver que as mulheres usam situações de conotação completamente pessoais e individuais para desconstruir os termos machistas da Revista Veja. Imagens de mulheres bebendo, em festas, com corpos nus ou seminus, aparecem com frequência para mostrar a emancipação não apenas dos corpos, mas também de suas vontades e suas atitudes.

Construímos um pequeno banco de análise considerando as diferentes variáveis dos adjetivos, levando em conta as atitudes que aparecem nas fotos – que se revelam contra a visão machista da mulher – e analisando a performatividade e a instrumentalização do corpo para reproduzir os discursos feministas e contra padrões. Aqui, analisamos somente o conteúdo imagético e que contém a tríade padrão do meme "bela, recatada e do lar", sem nos preocuparmos com legendas ou textos de apoio. Contudo, é preciso considerar que foram criados também memes que adaptaram os adjetivos com outras palavras, mas, ainda assim, mantiveram o objetivo de desmistificar os termos machistas, como vemos a seguir.



Figura 15 – Bela, Empoderada e do Lar



Fonte: Tumblr "Bela, Recatada e do Lar".

Figura 16 – Bela, Combativa e do Lar



Fonte: Tumblr "Bela, Recatada e do Lar".

As imagens apresentadas no Quadro 1 e também nas Figuras 15 e 16 buscam contestar, de forma diferentes, um ou todos os adjetivos colocados pela reportagem como sendo aqueles indicados como perfeitos para uma mulher. A tríade de adjetivos "Bela, Recatada e do Lar", através dos corpos expostos nos memes, transformam-se em expressões claras de ferramentas políticas contra-hegemônicas, que coloca as mulheres dentro de papéis e com atitudes historicamente definidas como masculinas.

Neste meme vemos o debate da igualdade de gênero não apenas com a liberdade da mulher sob seu corpo, mas também sobre onde, como e quando ocupar certos espaços, levantando questões importantes sobre o papel delas na sociedade e sobre a categorização do gênero feminino sendo resumido a três adjetivos androcêntricos e machistas. O meme "Bela, Recatada e do Lar" não traz em si uma bandeira de alguma vertente feminista específica, ele é generalista e levanta questões da base do movimento: a luta por um espaço igualitário no ambiente público, o poder sobre sua sexualidade e seu corpo e a fuga do Mito da Beleza e dos padrões impostos de feminilidade e ditadura da estética.

As imagens estudadas apropriam-se da subversão dos estereótipos como recurso para gerar reflexões e indagações social e culturalmente importantes para gerar mobilização e conscientização sobre pautas importantes, como o feminismo e a imagem da mulher na sociedade. A utilização do corpo como forma de protesto é a busca das mulheres por ter controle sobre seu próprio eu, sobre a sua imagem e sobre como ela quer ser passada à sociedade; é a busca por aceitação do ser como se é e pela quebra de padrões. O corpo pessoal transforma-se em um corpo político e de luta. Usar o corpo performático como protesto faz parte do processo de transgressão rumo à igualdade de gênero.

Através do meme "bela, recatada e do lar" o corpo ganha um novo olhar sobre si mesmo, um olhar ativo que busca sua própria forma de enxergar-se mulher; traz um corpo que deixa de ser posse de uma coletividade ou de um padrão comum e torna-se propriedade única da própria mulher, usando da ironia, do riso e da imagem para mostrar uma ótica feminina real. Um olhar político. Um olhar subversivo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O feminismo, desde seus primórdios, busca reivindicar os direitos das mulheres – dentre eles o direito ao âmbito público através do trabalho, indo além do doméstico; o direito ao seu próprio corpo; o direito ao voto; entre outros. Até hoje, mulheres feministas se unem na luta em busca da emancipação e de trazer suas vivências privadas de opressão masculina a público, buscando reconhecimento na disseminação do discurso de modo a angariar novas adeptas às causas do movimento.

Quando falamos de sociedade midiaticizada, precisamos discorrer sobre os novos rearranjos de discursos, ações e produções de sentidos. Por isso, na internet, como já abordamos, esse movimento ganhou força com o ciberfeminismo presente na Quarta Onda Feminista. Através dele, as experiências privadas tornaram-se públicas ao serem compartilhadas na internet, através de opiniões individuais de diversas mulheres que, ao unirem-se, transformaram suas vozes únicas em uma grande voz voltada à garantia dos direitos femininos e contra os padrões androcêntricos da sociedade.

Para trazer esse tipo de problematização à tona na internet e nas redes sociais, várias ferramentas foram e são utilizadas pelo movimento feminista. No presente trabalho destacamos três de grande importância e que foram utilizadas em nossa análise: a *hashtag*, o meme de ação popular e o uso do corpo político.

A *hashtag*, símbolo muito usado na internet, principalmente em redes sociais como Twitter e Instagram, é utilizada como uma espécie de código que inicia com o símbolo # (jogo da velha) e é usada para definir um tema em pauta, utilizando esse símbolo antes de uma palavra, frase ou expressão, podendo encontrar mais facilmente, dentro das redes sociais, o aglomerado de discursos referentes a tal *hashtag*. Essa ferramenta, importantíssima para a luta política da Quarta Onda Feminista, deixou de ser apenas um marcador de conteúdo e tornou-se um microfone-humano, uma forma de marcar, disseminar e espalhar determinados tópicos. Dentro do feminismo, passou a ser utilizada principalmente para o compartilhamento e espalhamento de experiências privadas dentro de uma temática comum às mulheres que expuseram a realidade das diferentes facetas do machismo.

Apesar de não analisarmos especificamente a *hashtag* neste trabalho, é preciso considerar que o meme "Bela, Recatada e do Lar" nasceu no Twitter em formato de *hashtag*, acelerando e facilitando sua disseminação e fazendo com que fosse reproduzido em outras plataformas e formatos, como o caso do Tumblr aqui analisado, bem como encaixando-o na estratégia midiaticizada da Quarta Onda Feminista, que traz essa ferramenta como o novo

protesto das ruas, com uma aglomeração de vozes que têm em comum a mensagem de subversão à reportagem da Revista Veja.

A segunda ferramenta da midiática dos movimentos sociais abordada neste trabalho é o meme como instrumento estratégico do feminismo na *web*, especificamente o meme de ação popular como estratégia conectada e coletiva, pois "se preocupa em demonstrar engajamento a partir da afirmação de narrativas que inspiram reconhecimento" (SARMENTO; CHAGAS, 2020, p. 144). Apesar dos memes serem popularmente conhecidos pelo seu caráter cômico e superficial, eles vêm sendo usados como ferramentas partidárias e de movimentos sociais políticos.

Esse tipo de meme de ação popular transforma-se em um discurso no qual pessoas comuns têm voz e expressam uma opinião política através da partilha de experiências pessoais e privadas. Os memes deixam de ser apenas uma imagem, passando a ser a construção de uma performance que, no caso do meme "Bela, Recatada e do Lar", cria arranjos interpessoais entre indivíduos desconhecidos entre si, mas que, juntos, motivam o debate do seu conteúdo: a luta contra a visão machista da reportagem da Veja. Com seu alto grau de replicabilidade, acabam indo além da bolha de mulheres ativistas feministas e conquistam novos públicos e pessoas que se tornam adeptas a esse protesto, pulverizando o movimento e ampliando sua voz. A potência política do meme "Bela, Recatada e do Lar" não está apenas nas imagens postadas, mas também nas relações e operações que definem o meme de ação popular, seja a interação dos indivíduos ou as ferramentas utilizadas para a expressão dele.

A terceira ferramenta que destacamos aqui é o uso do corpo como instrumento político. O uso do corpo midiático, no ambiente disseminador da internet e das redes sociais, tem sido uma ferramenta muito utilizada pelo movimento feminista. O corpo feminino, que desde muito tempo – e até hoje – vem sendo usado como objeto de submissão masculina, como algo inanimado e público, à disposição dos homens, ganha um novo formato de reivindicação através da internet e dos memes, transformando-se em um artefato político. Nessa nova lógica, ele tem uma característica importante: ressaltar sua saída do ambiente privado, de um corpo individual e reservado, para seu uso de forma pública, mas não pelos homens, e sim pelas próprias mulheres que trazem seus corpos no sentido de contrariar uma ordem hegemônica, tornando-se um corpo de campo de batalha – um corpo em busca da emancipação do patriarcado.

Os corpos transformam-se em *outdoors on-line*, corpos-bandeira nos quais a mensagem da bandeira não é a de "Ordem e Progresso", mas sim a de "Abaixo o Patriarcado", "Mulheres contra o machismo" e derivados, as quais demonstram a busca pela liberdade de ser mulher dentro da sua diversidade e sem padrões, sejam eles estéticos, comportamentais ou ideológicos.

A palavra "empoderamento" ganha força, voz e imagem, sendo elas de mulheres em seus momentos particulares, expondo-se contra algo que perdurou e ainda perdura: a cultura machista. Esses corpos privados, unidos, tornam-se uma multidão que busca não apenas se informar, mas expressar-se como indivíduo, como mulher, e criar uma onda de mobilização contra o machismo.

O uso do corpo-bandeira dentro do feminismo contemporâneo aparece, desde os formatos *offline*, com a Marcha das Vadias – movimento este que deu origem ao termo por Gomes e Sorj (2014) –, até em formatos *on-line*, com protestos que trazem imagens que complementam o discurso. Mas a midiatização do feminismo e a Quarta Onda do movimento também trouxeram novos formatos menos articulados, como os memes, abordados neste estudo como forma de problematização dos protestos na sociedade midiatizada.

Devemos considerar que os memes, aqui dando ênfase ao meme "Bela, Recatada e do Lar", vêm para mostrar que novas formas de protestos virtuais surgem talvez não com a mesma seriedade – pela característica cômica dos memes –, mas com a mesma importância e, às vezes, maior amplitude – devido ao alto grau de replicabilidade dos memes quando comparado a outros formatos de manifestações políticas. Neste meme é possível observar que há uma intersecção de um assunto público em comum – uma crítica feminista ao machismo da reportagem da Revista Veja – e assuntos privados – caracterizados pelas imagens particulares de momentos pessoais de cada uma das internautas que enviou suas fotos para o Tumblr. Por isso, o corpo-bandeira, neste caso, apresenta as características e sentidos comuns aos outros corpos que fazem o meme, mas também trazem situações e um ponto de vista que demonstram situações pessoais e particularidades de cada mulher que se expõe nele.

O processo de midiatização muda como um todo a lógica comunicacional entre indivíduos e também de movimentos políticos que foram se readaptando e reorganizando, como é o caso do feminismo, o qual trouxe a discussão, entre outros formatos, através do meme, abordando a temática de forma atual e massificadora para desconstruir pautas que são pilares base do machismo: a mulher no âmbito privado, o uso do corpo e a exibição dele sem ser alvo de objetificação e a desconstrução de padrões associados aos homens: trabalho braçal, fumar, beber, ter sexualidade ativa e exposta, entre outros.

A midiatização do feminismo não altera apenas a organização do movimento, mas também a forma como os indivíduos constroem relação com esse movimento e como se comunicam em prol da causa. Ainda, proporciona novas formas de visibilidade, na qual podemos aqui falar dos memes de ação popular, que dá voz aos indivíduos que se juntam através deles para comunicar a causa e edificar suas falas. O meme "Bela, Recatada e do Lar", neste

contexto, traz os sujeitos e os corpos como ferramentas políticas com um cruzamento de experiências pessoais e públicas para abordar a temática machista da reportagem da Revista Veja.

Neste processo teórico-metodológico, buscamos entender os memes e o uso do corpo neles, sem subestimá-los, entendendo que, através deles, é possível abordar uma luta de séculos através de novas óticas, proporcionando novos diálogos e perpassando o que se tem como formato padrão de discursos políticos e manifestações feministas.

Vemos, assim, uma nova forma de enxergar o machismo, uma nova forma de fazer feminismo e uma nova forma de usar o corpo nesta luta.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BENTES, Ivana. **Biopolítica feminista e estéticas subversivas**. Revista Matrizes, v. 11, n. 2, p. 93-109, 2017.
- BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão**. Estéticas da comunicação e biopolíticas. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2015.
- BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2000.
- BOGADO, Maria. Rua. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BOIX, Montserrat; MIGUEL, Ana de: Os gêneros da rede: os ciberfeminismos In: NATANSOHN, Graciela (org.). **Internet em código feminino: teorias e práticas**. Buenos Aires: La Crujía, p. 39-75, 2013.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação e Mdiatização**. Salvador: Edufba, cap. 1, p. 31-52, 2012.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação é aquilo que transforma linguagens. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 41-54. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.
- BRANDALISE, Camila; CAVICCHIOLI, Giorgia. “Revolução feminista”. **IstoÉ**. Publicado em: 23 fev. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3k1Vxdo>>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- CARLSON, Marvin. **Performance: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- CHAGAS, Viktor. “Não tenho nada a ver com isso”: cultura política, humor e intertextualidade nos memes das Eleições 2014. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., 2016, Goiânia. [Anais...] Goiânia: UFG, 2016.
- COSTA, Cristiane. Rede. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist Theory, and racista politics. **University of Chicago Legal Forum**, p. 538-554, 1989.

DAVIS, Kathy. Intersectionality as buzzword, a sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful. **Feminist Theory**, v. 9, n. 1, 2008, p. 67-85.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976.

DESCARRIES, Francine. Teorias Feministas: Liberação e Solidariedade no Plural. Tradução de Tânia Navarro Swain (Universidade de Brasília). **Textos de História**, v. 8, n. 1, 2000.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, 2008.

FAUSTO NETO, Antônio. **Interfaces jornalísticas, tecnologias e linguagens**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. Disponível em: <<http://tinyurl.com/mdh2dwj>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

FAUSTO NETO, Antônio; VALDETTARO, Sandra (orgs.). **Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosario: Departamento de Ciencias de la Comunicación Escuela de Comunicación Social, Facultad de Ciencia Política y RRII Universidad Nacional de Rosario, ago. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3bLulgf>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismos Web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. Dossiê: percursos digitais: corpos, desejos, visibilidades. **Cadernos Pagu**, n. 44, p. 199-228, jan./jun. 2015.

FERREIRA, Virgínia. Quando as mulheres eram computadoradoras: Reflexões em torno das variações da feminização da programação em informática. In: AMÂNCIO, Lúcia; et al. (orgs.). **O longo caminho das mulheres: Feminismo 80 anos depois**. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, jul./dez. 2009.

FURIOSA; QG FEMINISTA. “O que são as ondas do feminismo?”. **Medium**. Publicado em: 08 mar. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2GJ01aH>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

G1 SÃO PAULO. “Manifestantes realizam 'Marcha das Vadias' em São Paulo”. **G1**. Publicado em: 24 mai. 2014. Disponível em: <<https://glo.bo/3jZ6rRs>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 433-447, mai./ago. 2014.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. In: **American Journal of Sociology**, University Chicago Press, Chicago, v. 78, Issue 6, p.1930-1938, 1973.

GUTIERREZ-RUBÍ, Antoni. **Tecnopolítica: El uso y la concepción de las nuevas herramientas tecnológicas para la comunicación, la organización y la acción política colectivas**. Ebook. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZmbB1T>>. Acesso em: 26 dez 2019.

HJARVARD, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, Ano 5, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012.



HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

INOCÊNCIO, Luana. **GIFs meméticos, cultura pop e reapropriação da imagem: uma análise dos memes no Tumblr - Como Eu Me Sinto Quando**. [Anais...] Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, set., 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2FaNU5Q>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

INOCÊNCIO, Luana; LOPES, Camila. **The Zuera Never Ends: interação, compartilhamento e potências virais das imagens meméticas em comentários no Facebook**. In: Anais do XVI Congresso Intercom Regional, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/2oNVsX>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2013.

KUHNERT, Duda. Nas artes. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEMO, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica. São Paulo: Pontícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

LINHARES, Juliana. “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”. **Veja.com**. Publicado em: 18 abr. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/32d3eYu>>. Acesso em: 21 de nov. 2019.

MACEDO, Ana Gabriela. Pós-feminismo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, set./dez. 2006.

MARCELINO, Giovanna. “As sufragistas e a Primeira Onda do feminismo”. **Revista Movimento**. Publicado em: 09 fev. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3ih0SgE>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudança e opacidade da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTINS, Gilberto Andrade. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 2, n. 2, p. 9-18, jan./abr., 2008.

McCALL, Leslie. The complexity of intersectionality. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 30, n. 3, p. 1771-1800, 2005.

MELLO, Soraia Carolina de. Um trabalho naturalmente feminino?: Discussões feministas no Cone Sul (1970-1990). **Revista Tempo e Argumento**, v. 3, n. 1, jan./jun., p. 210-231, 2011.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MORAES, Dênis de. A tirania fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Dênis de (org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MUSEU DOS MEMES. “Memes, engajamento político e ação coletiva, ou Por que o “vomitação” importa?”. **Museu dos Memes**. Publicado em: 04 jul. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2RdHUeN>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**, São Paulo: v. 24, n. 1, p.77-98, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim Pinto. Feminismo, história e poder. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, jun. 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. Coleção História do Povo Brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

RECUERO, Raquel. A conversação em rede. In: RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. Contribuição da análise de redes sociais para o estudo das redes sociais na internet: o caso da hashtag #tamojuntodilma e #calabocadilma. **Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 16, n. 2, mai./ago. 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Letícia; O'DWYER, Brena; HEILBORN, Maria Luiza. Dilemas do feminismo e a possibilidade de radicalização da democracia em meio às diferenças: O caso da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan./abr. 2018.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2000.

SARMENTO, Rayza; CHAGAS, Viktor. Bela, recatada e do bar: memes de internet, política e gênero. **RuMoRes**, v. 14, n. 27, p. 124-149, 16 jul. 2020.

SHIFMAN, Limor. **Memes In Digital Culture**. Cambridge: MIT Press, 2013.

SILVA, Rebecca Correa; PEDRO, Joana Maria. Sufrágio à brasileira: uma leitura Pós-Colonial do Feminismo no século XIX. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 29, n. 2, p. 1981-3082, 2016.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61. 380 p

THINK OLGA. “Tudo sobre a Think Olga”. **Think Olga**. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/33booFn>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TOURAINÉ, Alain. **Uma Sociedade de Mulheres**. Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje. Tradução de Gentil Avelino Tilton. 4. ed. – Petrópolis. RJ: Vozes, 2011.

TUMBLR. “Bela, Recatada e do Lar”. **Tumblr**. Disponível em: <[www.belarecatadaedolar.tumblr.com](http://www.belarecatadaedolar.tumblr.com)>. Acesso em: 10 jan. 2020.

VALENTIM BRASIL, Marina; COSTA, Angelo Brandelli. Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis? **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 427-446, dez. 2018.

VERÓN, Eliseo. Entrevista por Demétrio Soster. **Revista Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v.1, n. 2, p. 115-118, 2013.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, n. 1. jan/jun. 2014.

VNS MATRIX. “The Cyberfeminist Manifesto for the 21st Century”. **VNS Matrix**. S/d. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZfCGDS>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

WOLF, Naomi, **O Mito da Beleza**: Como as Imagens de Beleza são usadas contra as Mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOLFF, Janet. Recuperando a corporalidade. Feminismo e política do corpo. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Orgs.). **Gênero, cultura visual e performance**. Antologia Crítica. Minho: Edições Húmus, 2011.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005.